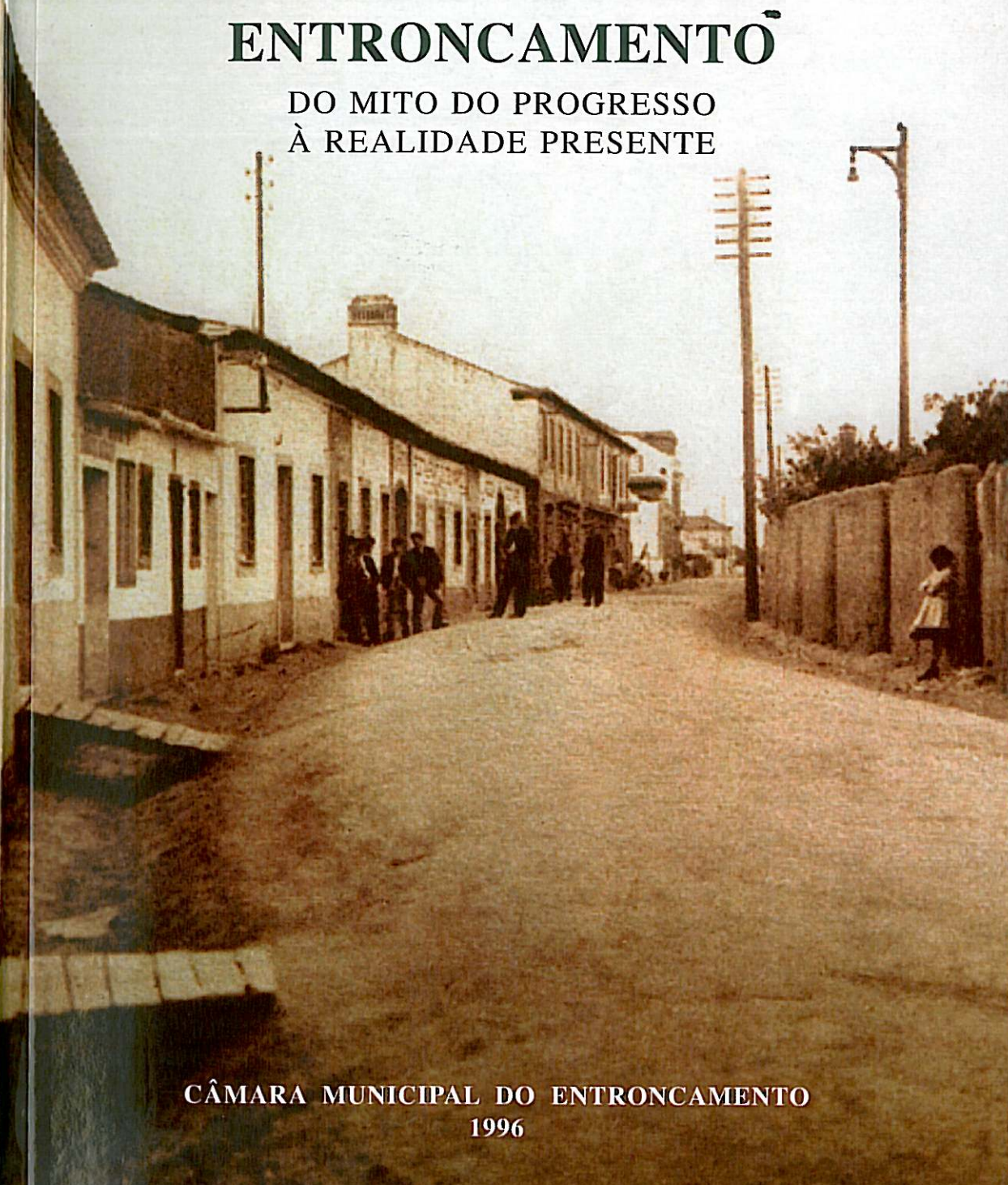


PAULA MARIA DA COSTA PEREIRA

# ENTRONCAMENTO

DO MITO DO PROGRESSO  
À REALIDADE PRESENTE

ENTRONCAMENTO – DO MITO DO PROGRESSO À REALIDADE PRESENTE



CÂMARA MUNICIPAL DO ENTRONCAMENTO  
1996



## FICHA TÉCNICA

**Título da Obra:** «ENTRONCAMENTO — DO MITO DO PROGRESSO  
À REALIDADE PRESENTE». (3.ª Edição).

**Autora:** Paula Maria da Costa Pereira.

**Editora:** Câmara Municipal do Entroncamento.

**Ilustração da capa:** Foto da «Rua Latino Coelho» no início do Séc. XX.

**Coordenação da Edição:** Serviços Culturais da Câmara Municipal do Entroncamento.

© CÂMARA MUNICIPAL DO ENTRONCAMENTO

**Revisão da 3.ª Edição:** A Autora.

**Composição e Impressão:** Gráfica Almondina — TORRES NOVAS.

**Tiragem:** 100 exemplares.

**Depósito Legal:** 329208/11.

**Data da Terceira Edição:** Junho 2011.

Paula Maria da Costa Pereira

## ENTRONCAMENTO

DO MITO DO PROGRESSO À REALIDADE PRESENTE

Câmara Municipal do Entroncamento

1996

## ANOTAÇÃO

A primeira edição deste livro apresenta consideráveis lacunas, às quais, tanto a Autora como a Câmara Municipal, são alheios.

No intuito de o apresentar conforme original, mereceu esta reedição esforços concertados da Autora, do Vereador da Cultura, dos Serviços e da própria Tipografia, tendentes a repôr o rigor que se deseja.

Estamos certos que assim possa esta obra melhor contribuir para um conhecimento mais profundo do nosso concelho.

A Autora,

*Paula Maria da Costa Pereira*

O Vereador,

*Luís Manuel Antunes*

*«... nem o indivíduo nem a sociedade podem existir um sem o outro. "Irmãos gémeos", mas não irmãos inimigos, estão indissoluvelmente ligados. É graças aos outros homens que o homem é o que ele é; a sociedade compreende precisamente estes outros homens e nós próprios.»*

GURVITCH, Georges  
«A Vocaçào Actual da Sociologia»  
Volume I, pp. 53  
Edições Cosmos, 1968

*Trabalho orientado por:*

PROFESSOR DOUTOR VIEGAS TAVARES,  
docente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
da Universidade Nova de Lisboa.

## PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

Se uma das tarefas do Antropólogo é tornar o desconhecido conhecido, a autora conseguiu-o, ao analisar sincrónica e diacronicamente uma das então Vilas do centro do País de que todos ouvimos falar dela sem no entanto ter consciência — o Entroncamento, lugar de confluência das vias de comunicação que aí se entroncam e se cruzam, ponto de passagem ferroviária, de chegadas e partidas, entreligando sonhos e realidades, tristezas e alegrias.

Mas também ponto de encontro e desencontro de quantos, por prazer ou trabalho deambulam nas linhas traçadas pelo Homem na palma da sua terra, de norte a sul a leste e oeste. Linhas da Vida, do Coração. Linhas do Destino criadas pelas "muitas e desvairadas gentes", homens de todas as latitudes, estrangeiros e nacionais, a partir de meados do século XIX, mas consolidadas por mulheres, como nota a autora em capítulo próprio, que em trabalho anónimo souberam transmitir às novas gerações o apego à terra, aos usos e costumes do seu passado cultural que permitiu ao modesto Apeadeiro da Ponte da Pedra desenvolver-se e transformar-se na actual Cidade do Entroncamento.

Enculturação e aculturação que essas mulheres - filhas, esposas e mães, souberam dosear num espaço físico e temporal inicialmente anódino que o olhar da antropóloga realça e nos oferece, já magnificamente enquadrado no sub-título: do mito do progresso à realidade do presente.

Que a Antropologia é uma ciência abrangente prova-o esta obra ao levar o leitor a viajar da génese do Entroncamento aos surtos migratórios e à fixação da população; dos pólos locais dessa fixação, sem esquecer as suas características culturais, ao papel da Mulher e da Educação, não deixando de falar no conflito de gerações, afinal motor de novas mentalidades e formas de vida, como é sublinhado.



Recordo-me do Entroncamento de há quase 50 anos, dos tempos em que estudante liceal e universitário por lá passava pendularmente nas férias, da estação de Belver para Coimbra, e mais tarde Lisboa, e no regresso. O tradicional atraso dos comboios de então, aliado ao desfazamento das chegadas/partidas para novos rumos, permitia-me passear ao longo da Rua da Estação e derivar para o centro da pequena vila de então, sob o arfar constante de máquinas cujos apitos nostálgicos já desaparecidos, parecem ainda ecoar na imensa Cidade de hoje, nascida da Charneca das Vaginhas.

Entroncamento de vidas humanas a partir da criação de um nó ferroviário que do nada se transformou num importante pólo dinamizador cultural e industrial, é o tema desta Monografia, cientificamente bem estruturada e redigida pela Dr.<sup>ª</sup> Paula Gama do Rosário, que a descreve com a singeleza poética da antropóloga que vinda de Angola, criança, aqui se fixou e mostra ter adoptado como sua terra.

Lisboa, 6 de Março de 1996.

*Manuel Viegas Tavares*

## NOTA PRÉVIA

Esta monografia sobre o Entroncamento, elaborada em 1985, teve como objectivo primeiro a conclusão dos meus estudos universitários. Foi a minha tese de licenciatura.

No início de 1986, entrei em contacto com o Sr. Dr. Henrique Leal, vereador do Pelouro da Cultura, da então Vila do Entroncamento, e com o Presidente da Câmara, Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Pereira da Cunha, de modo a procurar ver a possibilidade da sua publicação. As entidades supracitadas mostraram receptividade a esta proposta. Estabeleceu-se então um protocolo, lavrou-se uma acta descrevendo a situação e tudo pareceu resolvido. Este estudo monográfico iria ser publicado. Contudo, houve alguns percalços e, por motivos de vária ordem, só agora, volvidos dez anos (em 1995) é que, finalmente, irá ser editada.

Não é de estranhar, portanto, que eu me refira ao Entroncamento como uma Vila que aspira a ser cidade e que a referencie, a certo ponto, como pertencente à Comarca da Golegã. Estas e outras inexactidões resultam obviamente do hiato entre o passado recente e o presente que é hoje. É que, presentemente, tudo mudou.

O próprio título desta obra também deixa de ter o mesmo sentido que tinha há dez anos. Sim, porque actualmente a realidade é bem diferente da que vivemos na década anterior.

O Entroncamento cresceu consideravelmente. As suas ruas encheram-se de gente e de automóveis. Novas urbanizações estenderam-se um pouco por todos os limites do Concelho.

Os comboios são cada vez mais rápidos e trazem e levam cada vez mais pessoas, com cada vez mais facilidade.

A «Rua da Estação» deixou de ser a principal. Abriram dezenas de cafés, surgiu a Avenida da Estação, derrubou-se o Edifício Paris e no seu lugar fez-se um jardim onde está o ex-libris da nossa cidade — a Locomotiva. Construiu-se uma residencial, abriram vários centros comerciais...

Cumpriam-se as aspirações ou desígnios dos seus fundadores. Hoje, o Entroncamento é, de facto, uma cidade em franco progresso. O sector secundário continua a ter importância, mas tê-lo-á mais ainda o terciário, como é apanágio de uma grande cidade. É aqui, de facto, o comércio é o «senhor» das actividades.

Ao contrário do que se regista noutros centros do interior, a população tem vindo a aumentar, não apenas à custa de uma migração constante, com a consequente fixação de pessoas, mas também devido a uma taxa de natalidade invejável em comparação com outros centros urbanos.

Se acrescentarmos a esta situação, uma melhoria significativa na rede de unidades de saúde a que os Entroncamentenses têm acesso, então é fácil concluir do grande crescimento que se tem verificado nesta última década.

Muito se fez no e pelo Entroncamento neste curto espaço de tempo. Ele cresceu não só em extensão, como também em altura; como convém, quando o espaço começa a escassear nas zonas mais centrais.

Passou a ter Tribunal, uma Biblioteca com edifício próprio, Rádio(s) local(is), Escola de Música, outro Instituto de Línguas, ginásios para manutenção, Piscina Municipal, discotecas, voltou a ter uma sala de cinema. O antigo Mercado Municipal, apelidado por muitos de «elefante branco», hoje é um Centro Cultural muito interessante, activo e bem concebido. Foi reconstruído o Mirante do Jardim - Parque José Pereira Caldas. Enfim, fontanários, zonas ajardinadas e marcas do passado desta cidade têm sido recuperadas ou melhoradas...

Muita coisa mudou. A Vila de outrora deu lugar à cidade que temos hoje. E há mais projectos que visam proporcionar cada vez melhor bem-estar à população crescente que procura esta nossa cidade para aqui se instalar.

E porque são cada vez mais as pessoas que, como já referi, continuam a surgir de vários pontos do País, talvez por isso, ontem como hoje, esta cidade continua a ter uma população muito heterogénea e igualmente flutuante.

É importante referir que a primeira parte deste trabalho só foi possível não como trabalho de campo, mas com pesquisa documental. Para tal servi-me de tudo o que consegui sobre o Entroncamento e, mesmo assim, era muito pouco. Contudo, o essencial foi alcançado.

Estão citadas nas «Notas Bibliográficas», as fontes de onde recolhi todo o material que me permitiu «pôr de pé» a história desta terra.

Encontrei a maior parte do que pretendia no Jornal Ilustrado «A Hora» e na Revista «Vida Ribatejana».

Os artigos que têm um grande valor histórico e documental foram assinados, na generalidade, pelo Sr. O. P. Brito.

Não o conheço pessoalmente, mas aproveito o ensejo para lhe agradecer, em meu nome pessoal, o seu valioso contributo para este trabalho, até porque, a tradição oral já se perdeu com o tempo e com o progresso.

Foi nos seus escritos que consegui recolher a maior parte dos testemunhos sobre o passado mais longínquo do Entroncamento, com a devida ressalva para as demais pessoas que me forneceram informações preciosas e necessárias.

Quero referir ainda que se existem espaços cronológicos por abordar, isso

aconteceu propositadamente. É que se torna mais fácil estabelecer a diferença entre o passado e o presente com esse «corte no tempo».

A abordagem do tema é feita desde a génese do Entroncamento até ao momento em que me convém cortar; saltar no tempo e passar ao presente, estabelecendo não uma ligação linear, mas dicotómica e analógica.

Essa dicotomia passado/presente aparece bem demarcada: a primeira parte a distinguir-se das restantes. Na primeira, a realidade documental, resultado de pesquisa bibliográfica; na segunda, com base nos dados recolhidos relativos ao presente de então, faço a minha leitura antropológica das estruturas e dos factos sociais observáveis.

Este estudo foi realizado com empenho e seriedade. Lacunas há. Há sempre! Contudo, este é o meu contributo para com o Entroncamento.

Espero que outros se sigam. Meus ou de outros investigadores sociais, porque ainda há e haverá sempre, um universo de aspectos novos e, por isso, a explorar. É que, à semelhança do próprio Homem, a sociedade não é estática. Muda sempre, é dinâmica, viva e em constante transformação. Compreender o porquê dessas dinâmicas e saber, por isso mesmo, da sua génese é só por si um trabalho obviamente inacabado.

Entroncamento, 11 de Outubro de 1995.

*Paula Gama do Rosário.*

## INTRODUÇÃO

O trabalho que ora me proponho realizar, tem a ver essencialmente com a procura de uma realidade sócio-cultural que penso ser necessário especificar e entender.

Se o título da presente monografia é, a meu ver, já elucidativo desta proposta de trabalho, não quero deixar de reafirmar a ideia de que é precisamente a partir da realidade presente que estabeleço o ponto de partida de análise de uma situação decorrente do ideal de bem-estar que levou ao engrandecimento desta terra. É que, o mito que se criou à volta da indústria e que foi responsável por toda uma mudança nas gentes do nosso povo, encontrava no Entroncamento a sua razão de ser. O ponto de partida para a grande cidade, para o Mundo até, passava pelo Entroncamento. Aqui se concentrava e a partir daqui se desenvolvia a via de comunicação por excelência. O comboio reduzia distâncias, aproximava as gentes e as regiões: a qualquer momento se estava perto de tudo e de todos. Era isso, tal como hoje, que estava em causa.

À custa de desenraizados das mais diversas proveniências, que desde sempre procuraram o encontro com o todo integrado e uno, próprio da vida em sociedade, o Entroncamento viveu, como hoje, momentos áureos, constantes e repetitivos de desenvolvimento a todos os níveis.

As pessoas passavam, muitas ficavam, as famílias alargavam-se e o Entroncamento crescia.

Hoje, temos a realidade que demonstro nas páginas seguintes; alguns milhares de habitantes numa Vila moderna que não parando com o crescimento e desenvolvimento, brevemente será mais uma das nossas cidades.

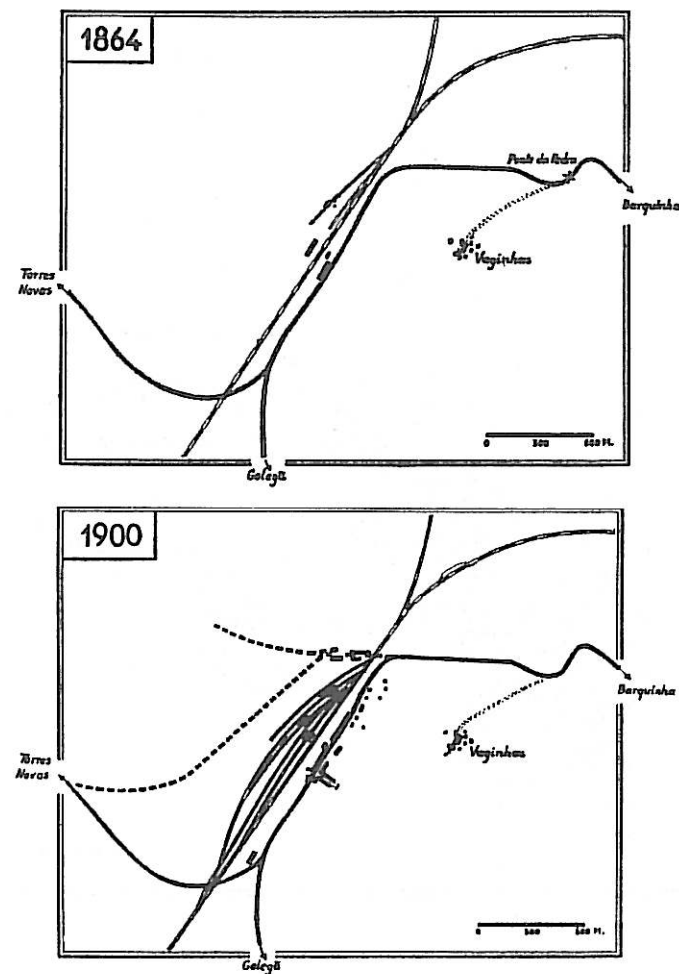


**O CAMINHO DE FERRO COMO FACTOR  
DE POVOAMENTO E URBANIZAÇÃO**

«O desenvolvimento completo do maquinismo, do trabalho em série (...) da electrificação, da aceleração incrível dos meios de transporte (caminhos de ferro, barcos a vapor, automóveis, nascimento da aviação) e da comunicação (telégrafo, telefone, rádio, etc.), fazem do equipamento técnico a base da própria existência da sociedade e da sua prosperidade».

GURVITCH, Georges  
«A Vocaç o Actual da Sociologia»  
Volume I, pp. 53  
Edições Cosmos, 1968

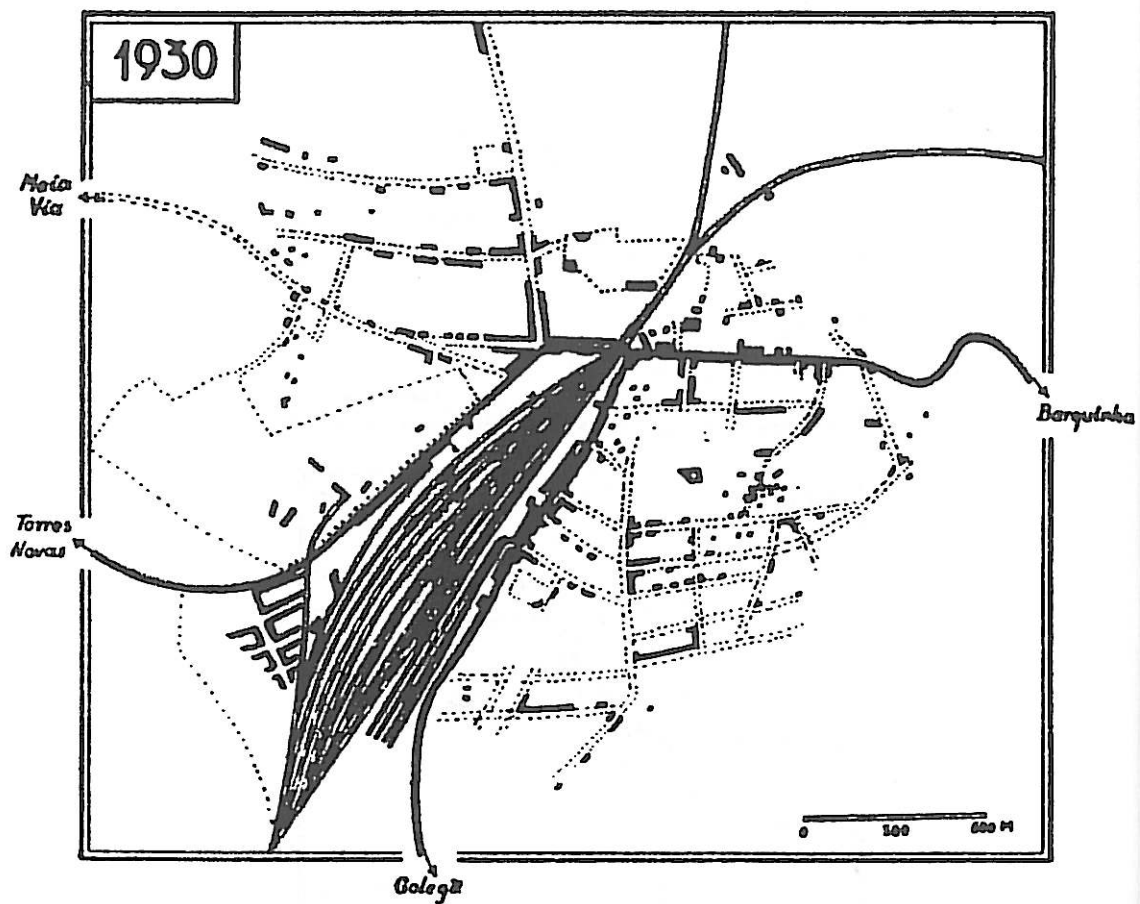
## FASES DE EVOLUÇÃO DO ENTRONCAMENTO



De 1864 a 1900 — Reconstituç o hipotética de harmonia com os elementos de informação recolhidos. (1)

LEGENDA } ———— ESTRADAS NACIONAIS  
          } - - - - LINHAS FRRREAS

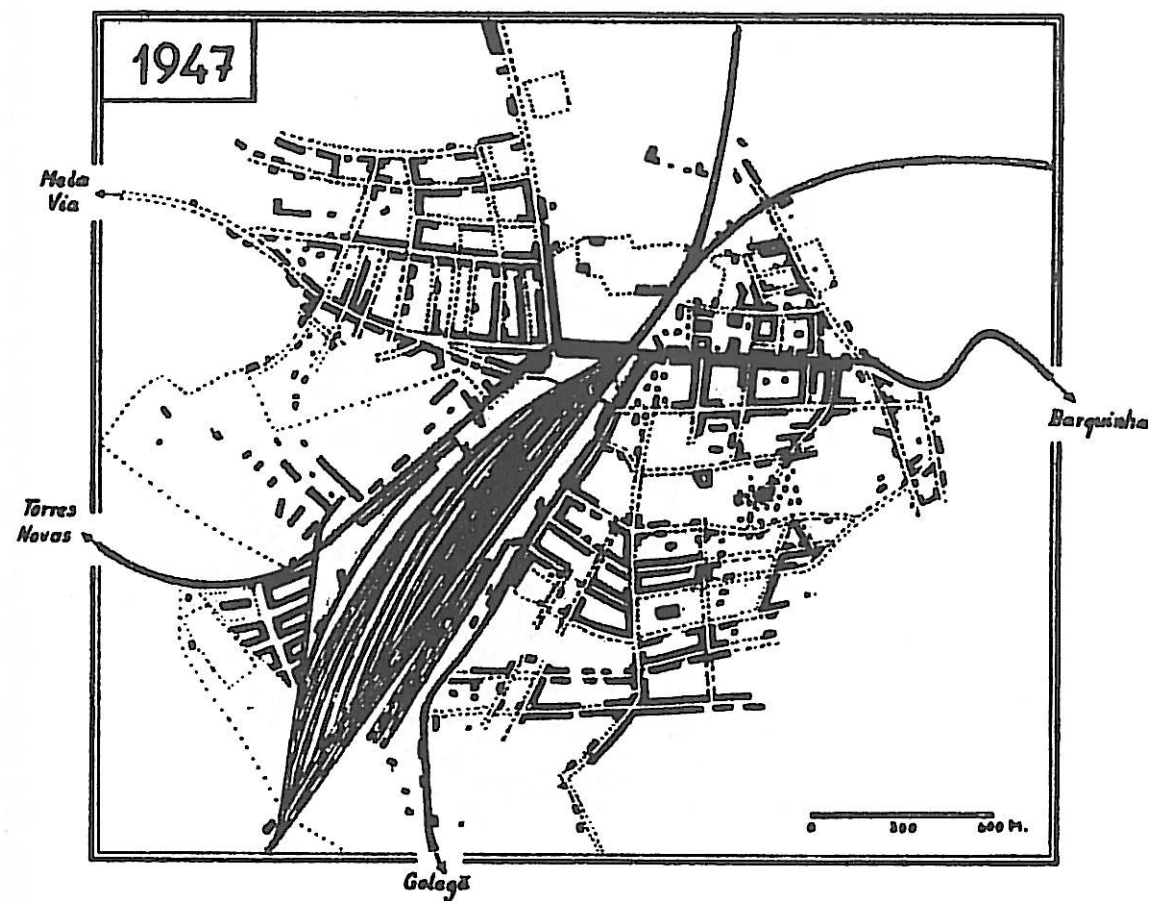
(1) — Leal, Henrique; Rosa, Ludovico; Matos, Francisco in «UMA VILA SOBRE CARRIS — Seminário da História d'Arte em Portugal na segunda metade do séc. XIX e na primeira do séc. XX», pp. 5.



Segundo a planta de urbanização de 1933 com ligeiras alterações. <sup>(2)</sup>

LEGENDA } ———— ESTRADAS NACIONAIS  
 } - - - - LINHAS FÉRREAS  
 } - - - - ESTRADAS CAMARÁRIAS

<sup>(2)</sup> — Idem - pp. 7.



1947 — Segundo a planta de urbanização de 1933, completada por uma fotografia aérea recente. <sup>(3)</sup>

LEGENDA } ———— ESTRADAS NACIONAIS  
 } - - - - LINHAS FÉRREAS  
 } - - - - ESTRADAS CAMARÁRIAS

<sup>(3)</sup> — Idem - pp. 8.





## I PARTE

# ANTROPOLOGIA DAS INSTITUIÇÕES

(Resenha Histórica)

O Concelho do Entroncamento, rural de terceira classe, foi criado pelo decreto 35184 de 24 de Novembro de 1945 e tem uma área aproximada de 1.788 hectares.

Pertence à Província do Ribatejo, Distrito de Santarém, Comarca da Golegã, Patriarcado de Lisboa e está integrado na segunda Região Militar com sede em Tomar.

O Concelho, que está situado numa planície, é composto única e exclusivamente pela Vila e Freguesia do Entroncamento. Possui actualmente uma população superior a 12 000 habitantes e cerca de 4 000 fogos.

O Entroncamento é banhado pela Ribeira da Ponte da Pedra que passa sob a ponte do mesmo nome, e ainda pela Ribeira de Santa Catarina.

A sua produção é de natureza industrial <sup>(4)</sup>.

O Entroncamento nasceu, cresceu e desenvolveu-se em redor de dois locais antigos: o Casal das Vaginhas e o Casal das Gouveias que, segundo pesquisa documental <sup>(5)</sup> remonta ao último quartel do séc. XVI. É bem provável que estas povoações tenham uma origem mais longínqua, remontando mesmo a épocas anteriores a 1600. Podemos chegar a esta conclusão através da análise do livro de Registos Paroquiais da Paróquia da Atalaia, livro esse datado de 1647, onde encontramos referências a três baptizados realizados nos Casais das Vaginhas, bem como baptizados realizados na Igreja da Atalaia a moradores do Casal das Gouveias <sup>(6)</sup>.

Existiam inicialmente três aglomerados distintos: a aldeia da Ponte da Pedra, o lugar das Vaginhas e o Casal das Gouveias.

A Ponte da Pedra constituía um ponto de encontro, uma encruzilhada, entre as estradas que ligavam Torres Novas, Golegã e Vila Nova da Barquinha.

No início do séc. XVII foi edificada a Capela de São João Baptista (vide foto 1) nos casais das Vaginhas, com o produto das esmolas oferecidas pelos moradores. Com a construção desta capela criou-se um ambiente propício à concentração da mão de obra rural que afluía aos trabalhos agrícolas da Quinta da Ponte da Pedra e da Quinta da Cardiga. Ia-se moldando já a pequena aldeia que viria a ser o Entroncamento.

<sup>(4)</sup> «A Hora» — Jornal Ilustrado. Edição Especial do XXIII Aniversário do Concelho do Entroncamento, 24 de Novembro de 1968 - pp. 8.

<sup>(5)</sup> Livro de Registos Paroquiais da Paróquia da Atalaia, 1647.

<sup>(6)</sup> «Uma Vila Sobre Carris» — Obra Cit. pp. 9.



Foto 1 — Capela de S. João Baptista.

Em 1811 dá-se a entrada, nesta região, dos soldados às ordens do israelita Massena, Príncipe de Essling e Duque de Rivoli, autênticos vândalos que destruíam tudo à sua passagem, aterrorizando as populações.

Nessa época, o actual Entroncamento era denominado Charneca das Vaginhas. Este local ficou célebre pelas atrocidades cometidas pelas tropas francesas. Do confronto entre nacionais e estrangeiros ficou célebre o guerrilheiro Madrugo, que se debateu heroicamente pela sua terra e pela sua Pátria. A batalha, que se travou em Janeiro de 1811, num olival e mata frondosa onde actualmente se situa a estação dos Caminhos de Ferro Portugueses, foi vencida pelos guerrilheiros de Madrugo, emboscados na mata, que liquidaram à queima-roupa e até à facada um destacamento francês que se dirigia para Torres Novas. Nesse combate pereceram 20 soldados franceses e dois guerrilheiros de Madrugo, estes últimos heroicamente lembrados por todo o povo<sup>(7)</sup>.

Em 14 de Setembro de 1859 foi celebrado pelo Estado, contrato definitivo para a construção e exploração das linhas férreas do Norte e do Leste. Construiu-se, desta forma, uma pequena estação — o Apeadeiro da Ponte da Pedra. Foi este facto que constituiu o germe do actual Entroncamento<sup>(8)</sup>.

(7) «A Hora» — Obra Cit. — pp. 12.

(8) Idem — pp. 13.

A 7 de Novembro de 1862 realizou-se a inauguração do troço de linha compreendida entre Santarém e Abrantes. Nesta altura já se tinham instalado no local, em pequenas barracas de lona, os pioneiros do Caminho de Ferro.

Assim, as palavras de Eugénio Dias Poitout, que foi presidente da Edilidade, confirmam esta afirmação: «Por volta de 1862 (...) fixaram-se aqui, em condições de vida precárias, os pioneiros do Caminho de Ferro, oriundos de regiões e até de países distantes»<sup>(9)</sup>.

Neste excerto podemos constatar uma realidade sempre actual no Entroncamento, a heterogeneidade cultural, que é obrigatoriamente uma consequência de um aglomerar ou «amontoar» de indivíduos provenientes do estrangeiro (já que inicialmente eram técnicos estrangeiros que estavam incumbidos e tinham a maior responsabilidade sobre a abertura do Caminho de Ferro, nomeadamente franceses, espanhóis e ingleses) e indivíduos nacionais, mas das mais diversas proveniências. Tratarei deste aspecto com maior acuidade, mais adiante.

A 22 de Maio de 1864 inaugurou-se o troço da linha do Norte, do Entroncamento a Soure. Estava assim assegurada, com mais esta ligação, a existência do Entroncamento não apenas como nó ferroviário mas como um pequeno núcleo populacional, uma vez que à data já estavam instaladas cerca de 50 barracas, alguns barracões e, claro está, as antigas casas de adobe, nas Vaginhas, bem como a capela de São João Baptista, de arquitectura simples, mas que merece o carinho dos Entroncamentenses.

No ano de 1882 ergueram-se as primeiras 24 casas de alvenaria. Foi o começo da povoação propriamente dita.

Em 1884, segundo testemunho oral recolhido em 1950, o Entroncamento contava já com o edifício da estação (Foto 2), a Escola Camões (Foto 3), a casa da família Paris (Casa Paris) (Foto 4), a casa do Zé dos Fósforos e o Correio velho na Rua Latino Coelho, que formavam o núcleo central, um pequeno grupo de 20 moradias para ferroviários; a Oeste, o Bairro Novo constituído por 6 moradias feitas de adobe. Todo este aglomerado era abastecido de água proveniente de um único poço privado, cujo proprietário cobrava a quantia de cinco réis por bilha<sup>(10)</sup>.

A manutenção dos serviços ferroviários atraía imensos empregados. Com o desenvolvimento dos transportes, nomeadamente ferroviários, havia necessidade de um paralelo desenvolvimento doutros sectores. Assim, graças à sua situação geográfica o Entroncamento chamou a si mercadores, comerciantes e pequenas indústrias que com o seu contributo e esforço ajudaram a melhorar gradualmente as condições de vida das populações.

(9) Idem — Artigo de Eugénio Dias Poitout - pp. 10.

(10) «Uma Vila sobre Carris» — Obra Cit., pp. 11.





Foto 2 — *Estação do Entroncamento — recebeu apoteoticamente o comboio eléctrico inaugural do novo serviço LISBOA -ENTRONCAMENTO. A primitiva estação, mais a Sul, construída em madeira, passou a ser a Serração da C.P.*



Foto 3 — *Escola Camões.*



Foto 4 — *Prédio da Família Paris - séc. XIX. Entrada principal (Arquitecto Picciochi).*

A 25 de Agosto de 1926 foi dado o arranque inicial com a criação da Junta de Freguesia. A primeira Junta de Freguesia foi constituída, como é evidente, por um grupo de ferroviários, sendo presidida por José Duarte Coelho, também ferroviário.

Até esta data o Entroncamento pertencia simultaneamente aos Concelhos de Torres Novas e da Barquinha. A linha férrea constituía a linha divisória. Desta forma, a parte Norte da referida linha estava incluída no Concelho de Torres Novas e a parte Sul no da Barquinha.

No referido dia 25 de Agosto de 1926, com a publicação do decreto 12.192, criou-se a Freguesia do Entroncamento. A nova freguesia passou assim a pertencer unicamente ao Concelho da Barquinha, provavelmente pelo facto do seu núcleo inicial (as Vaginhas) e a parte de maior desenvolvimento urbanístico e comercial ser a Sul.

À data (1926) a sua população pouco excedia os 800 habitantes. O Entroncamento começa então, a partir da criação duma Junta de Freguesia própria, a conhecer franco progresso. Verificou-se um enorme surto de construção e vão surgindo cada vez mais estabelecimentos comerciais. A C.P. continua a construir os Bairros Sociais destinados aos seus trabalhadores. A Junta de Freguesia acompanha também esta evolução e começa a efectuar construções oficiais.

Uma das primeiras realizações da Junta de Freguesia foi a construção de um mer-



Foto 5 — *Mercado Municipal coberto.*



Foto 6 — *Interior do Mercado Municipal.*



Foto 7 — *Chafariz das Vaginhas, de autoria do Arquitecto Cottinelli Telmo - 1933. Em 2.º plano, a casa de Adobe.*

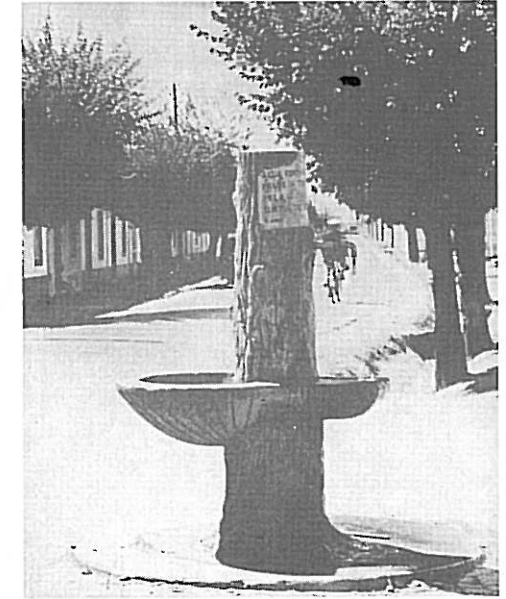


Foto 8 — *Chafariz do Bairro Novo (linhas naturalistas - 1928), no Largo do "Tio Alfredo", actualmente Largo do Santo António.*

cado coberto (Fotos 5 e 6), inaugurado em 1930, no espaço onde desde 1927 se realizava o mercado mensal de gado.

Um pouco por todos os lados começam a surgir os fontanários que assinalam igualmente outros núcleos de rápido desenvolvimento. (Fotos 7, 8 e 9).

Na sua marcha progressiva chegam constantemente à Junta requerimentos solicitando a transformação de prédios no sentido de os adaptar a estabelecimentos comerciais.

Devido ao crescimento desenfreado e à conseqüente construção desordenada de habitações, a Junta procedeu à abertura de arruamentos novos, procurando moderar essa construção e criar um certo ordenamento espacial.

É também graças à Junta de Freguesia que surgem as primeiras escolas, o cemitério, o jardim-parque — com estufa fria, coreto e mirante — (Fotos 10 e 11), bem como a casa de protecção a indigentes e o edifício da Junta de Freguesia, onde mais tarde serão instalados os Paços do Concelho, criado pelo decreto-lei n.º 35.184 de 24 de Novembro de 1945.

Em 21 de Dezembro de 1932 foi publicado o decreto-lei n.º 22.010, que elevou o Entroncamento à categoria de Vila. Nesta altura contava com 5 798 habitantes e 1 185 prédios urbanos.





Foto 9 — Fontanário do Bairro Novo - 1943. Actualmente no Largo 24 de Novembro, conhecido como o Largo do Poço Novo.

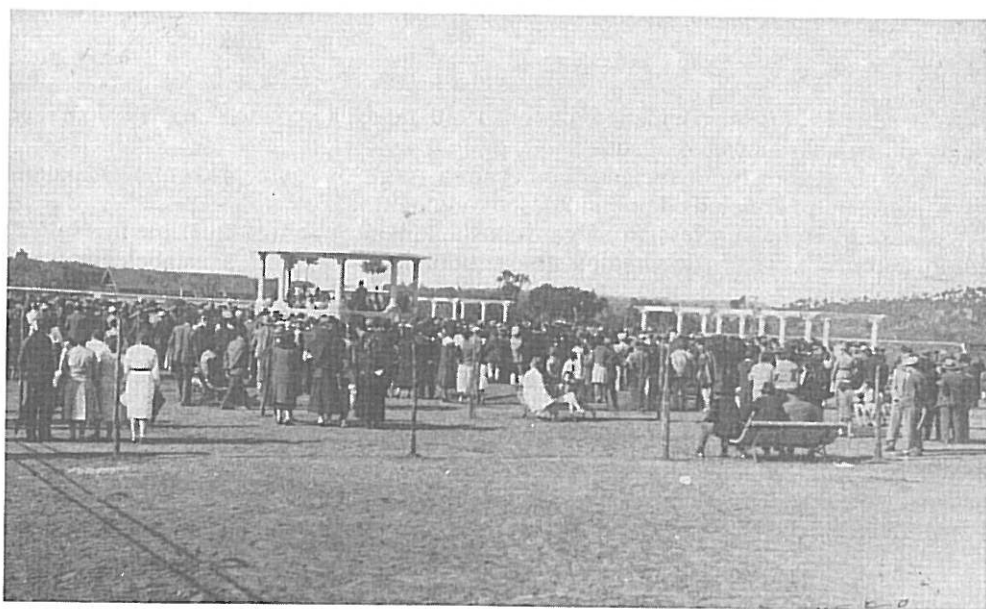


Foto 10 — Inauguração do Jardim-Parque Dr. José Pereira Caldas.



Foto 11 — Inauguração do Mirante no Jardim-Parque Dr. José Pereira Caldas.



Foto 12 — Igreja Matriz do Entroncamento (ou Igreja da Sagrada Família).

A 7 de Novembro de 1937 é lançada a primeira pedra para a Construção da Igreja Matriz, inaugurada três anos mais tarde, em 1940. Segundo bibliografia consultada, é considerada uma imitação da Igreja da Atalaia. (Fotos 12) <sup>(1)</sup>.

O progresso continua a ser a palavra de ordem e a reflectir-se em todos os aspectos. Assim, de 1930 a 1945 (apenas em 15 anos) houve um crescimento demográfico na ordem dos cinco mil habitantes.

Como referi, ao Entroncamento tinha-lhe sido imprimida uma força, uma vitalidade e um progresso verdadeiramente impressionantes. Contudo, a Barquinha continuava a ser a Sede do Concelho, o que constituía grandes entraves para a resolução de determinados problemas, sentindo-se a sua população bastante lesada por este facto. Desta forma, o povo entroncamentense e nomeadamente a Junta de Freguesia envidaram todos os esforços para conseguir a elevação da sua terra a Concelho. Urgia que assim fosse já que o Entroncamento era o segundo meio operário português (o Barreiro era o primeiro), representando o operariado, grande parte dele especializado e técnico, seguramente mais de metade da sua população, a qual era constituída por 8 300 habi-

<sup>(1)</sup> Idem - pp. 16.

tantes, à época, enquanto que a Sede de Concelho, a Vila Nova da Barquinha, não chegava a atingir os 1 300 habitantes, o que em termos percentuais representa 56,58% para o primeiro e 8,55% para o segundo.

Possuindo mais de metade da população total do Concelho, em termos eleitorais seria de esperar que o Entroncamento só por si conseguisse decidir o resultado de qualquer eleição na respectiva circunscrição. O Entroncamento possuía 2 210 cidadãos eleitores, enquanto que a Barquinha, à data, só tinha 474.

No que diz respeito aos rendimentos municipais verifica-se imediatamente, conforme os mapas anexos (1, 2 e 3), que o Entroncamento ultrapassava só por si, em relação ao resto do Concelho, os 50%.

Também em relação às construções (uma vez que estas são bastante significativas como índice do desenvolvimento das terras) não só particulares como para utilidade pública, a sua percentagem excede os 80% em relação às restantes freguesias que compõem o concelho de Vila Nova da Barquinha. As freguesias deste concelho são: Atalaia, Entroncamento, Praia do Ribatejo, Tancos e Vila Nova da Barquinha.

É de facto sintomático o expoente de progresso e desenvolvimento do Entroncamento e é com justificada razão que os seus habitantes e nomeadamente a Junta de Freguesia tentaram a todo o custo elevar a "sua terra" à categoria de Concelho. Abro aqui um parêntesis para explicar a razão porque entendi pôr "sua terra" entre aspas. É que, de facto, a maior parte dos seus habitantes são migrantes, mas uma vez integrados na nova comunidade, defendem-na e engrandecem-na com o seu trabalho, como se da sua terra natal se tratasse.

Em mapas anexos verificamos, pelo montante das diferentes contribuições e impostos cobrados ao Estado (verba principal), incluindo a parte da Câmara, que o Entroncamento supera em muito a sua Sede de Concelho.

Da análise dos mapas podemos observar que a Barquinha, sendo Sede de Concelho, ocupa de facto o 4.º lugar entre as 5 freguesias que o compõem, o que deve ser caso único em todo o país.

Enquanto o Entroncamento está em franco progresso, a sua Sede de Concelho está votada a um marasmo constrangedor, a uma estagnação em todos os aspectos; quer no campo comercial, industrial (económico) como também no demográfico, devido ao seu reduzido número de habitantes que se mantém sensivelmente o mesmo, com alterações quase imperceptíveis, desde há longa data.

«O Entroncamento, ao contrário, pleno de vida, de actividade, de dinamismo, como todas as terras que pretendem alicerçar no presente as bases do seu futuro, tendo sólidos esteios e condições únicas para o conseguir, disfrutando uma situação invejável e altamente beneficiada pela sua privilegiada posição no centro do país, como cruzamento natural e obrigatório das vias de comunicação ferroviárias, servido por óptimas estradas e centro forçado de passagem para um sem número de terras, encontra-se em franco progresso e constante desenvolvimento, devendo tornar-se dentro em breve numa das maiores e melhores Vilas de Portugal na sua categoria» (12).

(12) «RELEMBRANDO» A Criação de um Concelho na Vila do Entroncamento. Junta de Freguesia do Entroncamento. Exposição dirigida a Sua Ex.ª o Ministro do Interior.

Na petição dirigida ao Ministério do Interior, no sentido da criação do Concelho do Entroncamento constata-se que a Junta de Freguesia do Entroncamento pretende a todo o custo que esta Vila seja elevada à categoria de Concelho já que há obras indispensáveis a realizar, não reprodutivas, como pavimentação das ruas, esgotos, etc., que já poderiam estar realizadas se no Entroncamento ficassem todos os impostos que a população da freguesia paga à Câmara da Barquinha (13). Por outro lado há dezenas de concelhos no país cujas receitas são muito inferiores às da mesma Junta, não possuindo sequer, as suas sedes, redes de água e electricidade. Para melhor esclarecimento poderemos observar o quadro que se segue, relativo às despesas realizadas por esta Junta, quase exclusivamente em obras desde 1937 até 1944 que ascenderam a (14):

#### DESPESAS DA JUNTA DE FREGUESIA DE 1937 A 1944

<u>ANO</u>	<u>VALOR</u>
1937	378 921\$50
1938	459 663\$18
1939	391 427\$17
1940	382 531\$17
1941	872 530\$92
1942	493 791\$83
1943	535 860\$17
1944	483 144\$24

#### RECEITAS MAIS IMPORTANTES DE 1940 A 1944

ANO	LUZ ELÉCTRICA	MERCADO DIÁRIO	CEMITÉRIO	ÁGUAS
1940	100 762\$88	85 437\$60	7 425\$95	-----
1941	101 085\$90	85 998\$00	6 234\$80	-----
1942	103 958\$92	78 077\$00	5 786\$00	-----
1943	106 886\$40	74 996\$00	9 592\$50	254 336\$10
1944	115 215\$86	75 561\$00	10 192\$50	166 350\$00

(13) Idem, pp. 34.

(14) Idem, pp. 13.



Da análise dos quadros podemos inferir que o rendimento relativo à electricidade tem aumentado progressivamente. Esta tendência acentua-se cada vez mais, devido ao número sempre crescente de construções e às necessárias ligações a fazer em prédios já concluídos. Estão por efectuar em resultado da escassez de material, pois nesta época vive-se uma crise económica que se faz sentir também em Portugal, provocada pela 2.<sup>a</sup> Grande Guerra. É por esse mesmo motivo que o mercado diário tem tido rendimentos oscilantes, devido especialmente à fuga de géneros para o mercado negro.

O rendimento da água, cuja rede começou a funcionar em 1943, decresceu no ano seguinte pelo facto de não se terem efectuado ligações em vários prédios já que estes são bastante numerosos. Há a registar igualmente que cerca de mil consumidores estão sujeitos apenas ao pagamento de mínimos de consumo por inexistência de contadores no mercado. Ultrapassado este momento de crise e portanto terminada a Guerra, este rendimento aumentará substancialmente. De resto é de notar que o preço da água (1 \$60/m<sup>3</sup>), é o mais baixo em todo o país.

Servindo-nos uma vez mais dos quadros em anexo, podemos verificar que o povo do Entroncamento tinha direito à elevação da sua Freguesia a Concelho. Contudo, a questão que se punha era: ou criar um novo concelho que abrangesse a área da Freguesia ou a mudança da sede de Concelho de Vila Nova da Barquinha para o Entroncamento.

A primeira hipótese seria incontestavelmente viável, mas a 2.<sup>a</sup> hipótese não seria de todo descabida uma vez que este concelho já teve, pelo menos, três sedes: a primeira na Freguesia de Tancos; a 2.<sup>a</sup> na de Atalaia e presentemente na da Barquinha, onde permanece desde o reinado de D. Maria I, altura em que aquela Vila conheceu um desenvolvimento bastante notório devido à intensificação do tráfego fluvial, pois ali foi criado um importante entreposto, mais tarde abandonado e sem qualquer utilidade.

Finalmente, a 24 de Novembro de 1945, foi publicado o decreto n.º 35.184, que criou o Concelho do Entroncamento, abrangendo a área da própria Freguesia<sup>(15)</sup>.

Uma vez criado o Concelho e elevada a Vila a esta categoria administrativa, compete-lhe por direito, Brasão de armas, Selo e Bandeira. Trata-se evidentemente de símbolos: «sígnio, espécie de emblema ou representação de alguma coisa moral, por imagens ou por representações de coisas naturais»<sup>(16)</sup>.

Assim, e como «o símbolo é uma criação do Homem...»<sup>(17)</sup>, havia necessidade de criar algo absolutamente inédito: um brasão inteiramente novo, com peças novas que nunca tenham sido empregues em heráldica, mas que simbolizem de uma forma especial a criação duma povoação nascida do progresso, do sistema e meios de comunicação que os tempos modernos nos trouxeram. Trata-se então de algo relacionado

(15) «A Hora» - Obra Cit. - pp. 13.

(16) ALLEAU, René - «A Ciência dos Símbolos» - Edições 70 - Lisboa, 1976 - pp. 27.

(17) LIMA, Mesquitela - «Antropologia do Simbólico (ou o Simbólico da Antropologia)» - Editorial Presença Lisboa, 1983 - Cap. III - pp. 37.

com os Caminhos de Ferro, pois o Entroncamento surgiu graças a eles, daí ser considerado como uma «Vila sobre Carris».

Pensou-se então na representação duma locomotiva, ideia que foi posta de parte, por inestética e sem radiação. Recorreu-se posteriormente a um sinal de sinalização primitivo das comunicações ferroviárias. Elegeu-se como símbolo mais apropriado, o disco de sinalização que, pela sua forma circular, era o mais indicado para o preenchimento do centro do escudo. A sua figuração significativa, de frente, o sinal de paragem do comboio, eminentemente apropriado para representar uma localidade que, por ser um entroncamento, implicava a paragem de todos os comboios que por ela passassem.

As armas de negro, com um disco de sinalização, fechado de vermelho, orlado de prata, hasteado de ouro, entre dois perfis de carril. Coroa mural de prata de quatro torres. A Bandeira esquartelada de vermelho e branco, tendo no centro o escudo das armas. Listel de prata com os dizeres ENTRONCAMENTO, em caracteres de negro. Haste e lança dourada. Cordões e borla de prata e vermelho.

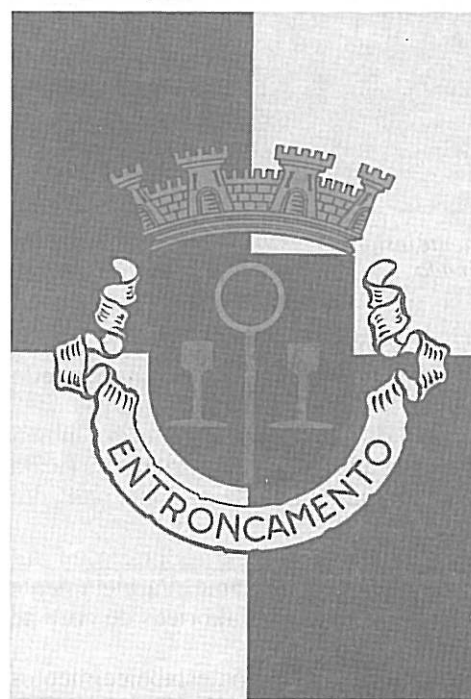


Foto 13 — Brasão de Armas que revela uma simbologia própria, relacionada com os Caminhos de Ferro. No centro o sinal circular vermelho, simbolizando a paragem obrigatória de todos os comboios. Dos dois lados o perfil dos carris da linha férrea.

O selo circular com as peças do escudo soltas e sem a indicação dos esmaltes, tendo à volta as palavras CÂMARA MUNICIPAL DO ENTRONCAMENTO (Foto 13).

Trata-se de facto duma simbologia nova, inédita, algo que condiz perfeitamente com a sua história, e que surge da necessidade que o homem tem de se projectar para além de si próprio a qual, como afirma Mesquitela Lima, "aparece em todos os níveis e é devido a ela que o Homem se projecta para fora de si próprio e, por analogia com o seu corpo, vai criando objectos que se vão entrecendo numa malha cada vez mais complexa que não é mais do que a cultura e a sociedade"<sup>(18)</sup>.

O Entroncamento fica, desta forma, e como sede de Concelho, a possuir o seu Brasão de Armas, Bandeira e Selo, cuja simbologia está directamente relacionada com o comboio que lhe deu origem.

(18) Idem - Cap. II - pp. 33.





Foto 14 — Armazém de Víveres da C.P.. Inicialmente instalado junto à actual praça de táxis, que é hoje uma pequena zona ajardinada.

À data da sua elevação a Concelho já contava com cerca de 8 000 habitantes e na sua marcha sempre progressiva já estavam construídos 3 000 fogos, ocupando significativa parte da área do Concelho.

O seu rápido desenvolvimento deve-se sobretudo à produção de natureza industrial. É o sector secundário que começa a ter principal relevo já que a agricultura ficara confinada às áreas correspondentes à Quinta da Cardiga e à Quinta da Ponte da Pedra que absorviam pouca mão de obra.

No sector industrial, o principal destaque vai para a C.P. que aqui instalou importantes oficinas de montagem e reparação de material circulante. Paralelamente existem fábricas de cortumes, destilarias, serração de madeiras, fábricas de cortiça, fábricas de pimentão e duas fábricas de vinagre.

O sector terciário desenvolveu-se também. Surgiram novos estabelecimentos comerciais com artigos de uso corrente, onde se destaca o Armazém de Víveres da C.P. que à época, no seu género, era dos melhores do país. (Foto 14).

Existiam escolas, mercado diário coberto, bons arruamentos, um jardim-parque (mandado construir pela Junta de Freguesia), existiam belas construções particulares e um moderno edifício dos C.T.T.. Havia igualmente uma rede de abastecimento de

água aos domicílios, com uma potente central elevatória, luz eléctrica e a 1.ª e 2.ª fases da rede de esgotos.

No campo da saúde existiam, à época, 7 médicos, 2 dentistas, 2 parteiras e os entroncementenses podiam contar ainda com duas farmácias, um dispensário anti-tuberculoso com aparelho de Raio X e Secções de oftalmologia e otorrinolaringologia.

No capítulo da assistência, os mais desfavorecidos tinham um abrigo — a casa de protecção dos indigentes — com o respectivo refeitório onde eram servidas 260 sopas em duas refeições diárias, alimentando assim 130 pessoas.

Esta casa de protecção a indigentes (Foto 15) foi fundada em 9 de Maio de 1943 pela Junta de Freguesia. À data da sua fundação era presidida pelo Senhor José Duarte Coelho, ferroviário e presidente da Junta de Freguesia.

Naquela época o Entroncamento já tinha um bonito jardim-parque — Dr. José Pereira Caldas — mandado construir pela Junta de Freguesia em 1934, em terreno

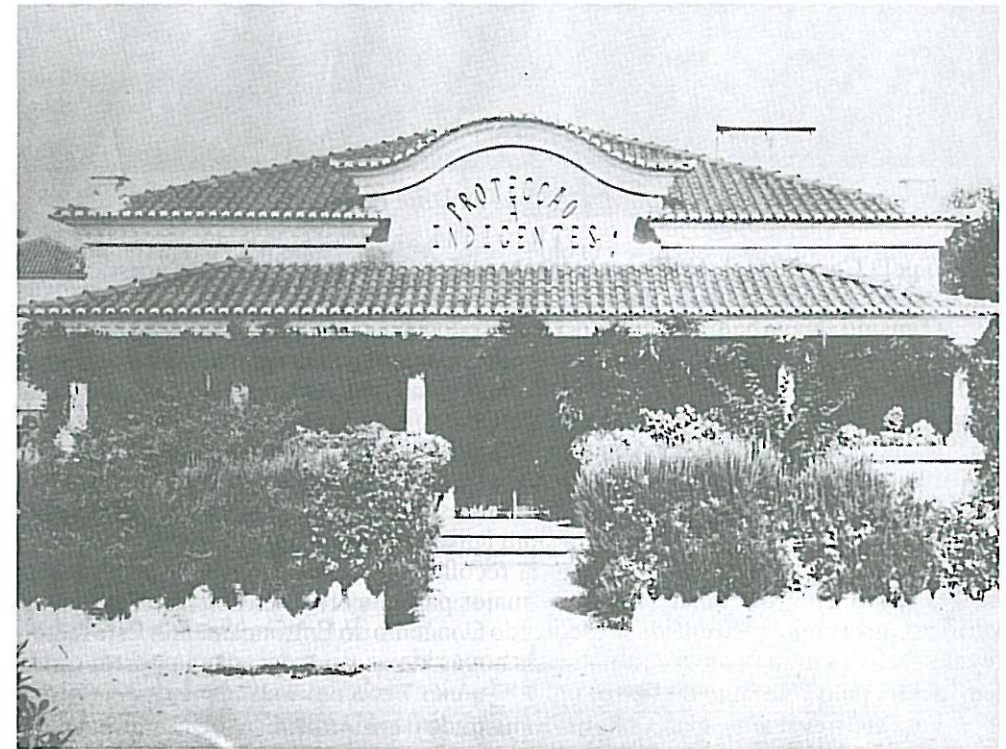


Foto 15 — A Casa de Protecção a Indigentes do Entroncamento. Actualmente sede da Associação Filarmónica e do grupo n.º 84 dos Escoteiros.





Foto 16 — *Coreto Artístico do Jardim-Parque Dr. José Pereira Caldas.*

cedido pela Casa Juncal. Neste jardim-parque foi construído um coreto artístico, um miradouro e uma estufa fria (Fotos 16, 17 e 18).

O ensino estava bem assegurado. Com efeito havia 2 edifícios escolares, de linhas modernas, obedecendo a sua construção às características regionais da Província. Cada escola possuía 2 salas de aulas. Além destas havia mais 4 escolas com uma população de 487 rapazes e 490 raparigas, a cargo de 13 professores<sup>(19)</sup>.

Como podemos constatar o índice de desenvolvimento regista-se como é evidente também no âmbito demográfico e neste caso particular a população escolar, à data, já era bastante significativa e sintomática desse mesmo progresso, que foi imposto a esta Vila e que a fez crescer e desenvolver num curto espaço de tempo.

É notório acrescentar que à data da recolha destes dados (1947), ainda havia muitos analfabetos em idade escolar na maior parte das regiões do país. Tal não se verifica com a população em idade escolar do Concelho do Entroncamento. Este factor revela e reforça uma vez mais a abertura às novas ideias, ao progresso, imposto, como é evidente, pelo Caminho de Ferro.

Para além destas escolas, onde era ministrado o ensino primário, existia ainda um

<sup>(19)</sup> Revista «Vida Ribatejana» — Número especial do Ano de 1947.

Colégio Particular onde era ministrado o ensino secundário bem como o ensino comercial e industrial.

Prosseguindo e acompanhando o ritmo evolutivo, observamos a existência de dois chafarizes artísticos: um no Bairro Camões (Foto 19) e outro no largo da feira. (Foto 20).

Efectuava-se mensalmente neste concelho um mercado de gado, no terceiro domingo de cada mês. Este mercado era muito concorrido e rivalizava até com os de Santarém. (Foto 21).

Apesar da existência deste mercado mensal, no mês de Abril realizava-se a feira anual com a duração de oito dias. Desta feira constavam os habituais divertimentos, barracas de comes-e-bebes e outras atracções, que chamavam ao local milhares de pessoas. (Foto 22).

Quanto às colectividades, apurei que no Entroncamento, em 1947, já existiam algumas. Assim vejamos:

— *Grupo de Escoteiros n.º 84*, com banda de música, a qual dá concertos periódicos no coreto do jardim-parque;

— *Grupo Musical «ALBERTO CODINA»*;

— *Grupo União Musical VAGI-NHENSE*;

— *O Saxo-Jazz do Grupo de Escoteiros*;

— *O Sindicato Ferroviário*;

— *O União Futebol do Entroncamento*;

— *Os Onze Unidos Futebol Clube*;

— *O Grupo Ferroviário 1.º de Outubro de 1911 («Parafuso»)*;

— *A Agência da Liga dos Combatentes da Primeira Grande Guerra*;

— *O Clube dos Caçadores*;

— *A Associação dos Bombeiros Voluntários*.



Foto 17 — *Aspecto do Miradouro do Jardim-Parque Dr. José Pereira Caldas (Arquitecto Henrique Sequeira).*



Foto 18 — *Estufa Fria do Jardim-Parque Dr. José Pereira Caldas.*

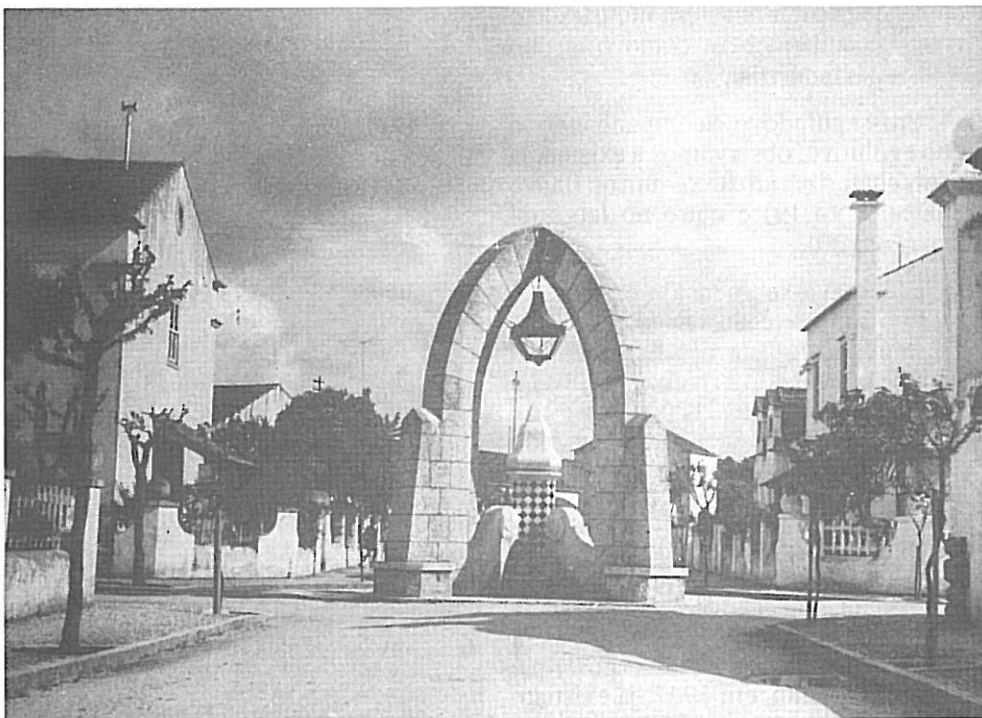


Foto 19 — Chafariz do Bairro Camões e «Casa à Portuguesa».

Estas colectividades funcionavam como factores de coesão da população, uma vez que as pessoas, oriundas das mais diversas partes do país, aí se conheciam, confraternizavam e faziam amizades.

Algumas destas Colectividades (União Futebol do Entroncamento, os Onze Unidos, o «Parafuso»), realizavam periodicamente festas e bailes. A população afluía em grande número, tentando quebrar, desta forma, a monotonia do seu ritmo de vida. «À vida regular, ocupada nos trabalhos quotidianos, sossegada, sujeita a um sistema de interditos, cheia de preocupações, em que a máxima quieta *non movere* mantém a ordem do mundo, opõe-se a efervescência da festa»<sup>(20)</sup>. Durante estas festividades os rapazes travavam conhecimentos de onde poderiam resultar futuros casamentos.

Como ponto estratégico que era, foram instaladas no Entroncamento várias unidades militares, que também contribuíram para o seu desenvolvimento e que chamavam a si indivíduos e mais tarde famílias inteiras, dos mais diversos pontos do país.

<sup>(20)</sup> CAILLOIS, Roger — «O HOMEM E O SAGRADO», Edições 70 — Lisboa, 1979 — pp. 95.



Foto 20 — Fontanário do Largo da Feira (Praça do Município) da autoria de Henrique Sequeira (1931).

Como centro vital de comunicações o exército estava desta forma representado pelas seguintes unidades e estabelecimentos militares:

- *Esquadrão Auto Todo Terreno (E.A.T.T.)*;
- *Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro*;
- *Sucursal da Manutenção Militar*;
- *Depósito de Material de Guerra e de Material de Subsistência*;
- *Secção do Depósito Geral de Medicamentos Sanitários e de Hospitalização*.

Como podemos constatar, já à data o Entroncamento contava, entre a sua população residente, com uma população flutuante de militares (os que apenas tiravam a recruta) e também militares de quadro que mudaram para esta área a sua residência, acompanhados, como é evidente, das suas famílias.

Como locais de lazer existiam já em 1947 dois bons cafés e um salão de chá, não contando com vários pequenos cafés e tabernas. Existiam seis pensões e vários restaurantes. O cinema funcionava trisemanalmente.

O crescente aumento demográfico, ao mesmo tempo que crescia a importância da estação, originou no Entroncamento um entreposto ferroviário muito importante,



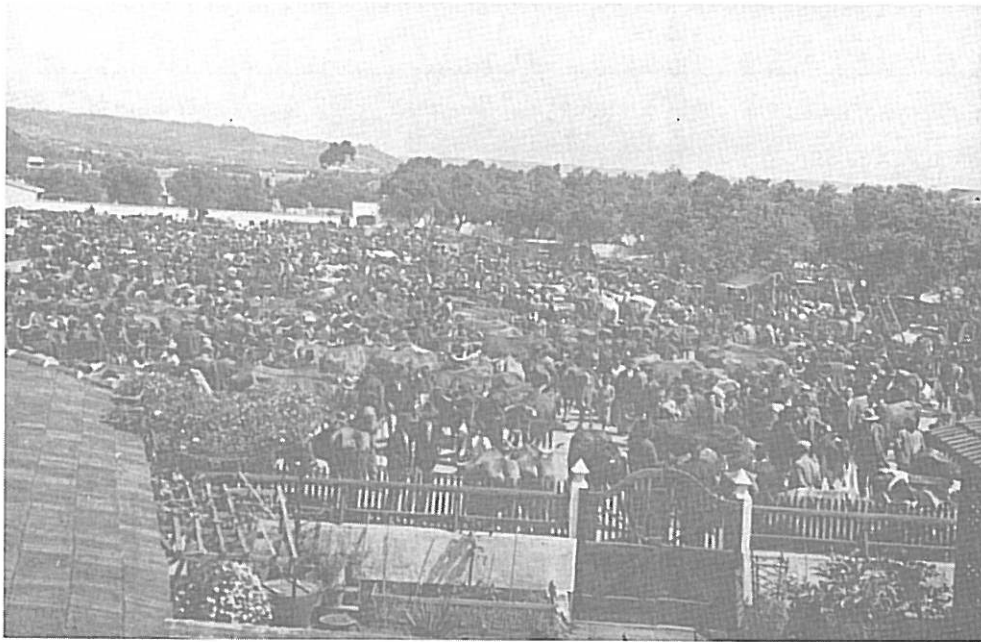


Foto 21 — A Feira do Gado realizava-se no local onde actualmente está instalado o Edifício do Banco Pinto e Sotto Mayor.

mas igualmente com profundos problemas habitacionais. Desta forma, para alojamento dos seus funcionários e respectivas famílias, a C.P. empreendeu a construção de bairros de casas económicas.

Sobre um desses bairros, denominado Bairro da Vila Verde (Foto 23), constituído, de início, por cinco grupos de 2 casas e dez casas isoladas, acrescidas de mais 12 casas uns anos mais tarde, escreveu assim Jaime Martins «... há muitos anos atrás a solução teria consistido na construção de grandes prédios maciços de numerosos andares, tão vastos quanto fosse necessário para agrupar em maior ou menor promiscuidade, vinte, trinta e quarenta famílias; hoje, porém, as razões de higiene e de moral estão primeiro que as de ordem económica (...) e, com este critério, foram projectados os diversos bairros à maneira de modernas cidades-jardins, guardadas as devidas proporções, bem entendido. Cada indivíduo ou família possui a sua casa — e cada casa tem o seu jardim que a separa da rua e das outras casas» (21).

É evidente que as moradias se tornavam muito mais dispendiosas do que prédios de vários andares. Contudo penso que a disposição ordenada dos bairros em moradias

(21) Martins, Jaime in Boletim da C.P. n.º 24 — Junho 1931.



Foto 22 — Feira Anual. Realizava-se no espaço existente entre o Edifício da Câmara e o antigo Mercado Diário.

individuais e perfeitamente ajardinadas, tem mais a ver com a disponibilidade de espaço no Entroncamento dos anos 30 do que propriamente com as condições de higiene e moral apontadas pelo Engenheiro Jaime Martins, da C.P.. É possível que ele também tivesse pensado numa questão primordial, a meu ver, que se prende com o desenraizamento cultural, «total», do indivíduo em relação à sua terra de origem. Desta forma, as pessoas vindas da província, das aldeias, habituadas a ter o seu pedaço de terra e o seu espaço vital, viam-se confinadas a um apartamento, sem algo que as ligasse às suas origens.

Um outro bairro construído a expensas da C.P. é o Bairro Camões, nome que lhe advém da Escola privativa que dele faz parte, onde é ministrado o ensino primário por professores pagos pela C.P.. Esta Escola, considerada na época uma das melhores da Península Ibérica, é frequentada por crianças aparentadas ou não com trabalhadores da referida *Companhia*.

O Bairro Camões é formado por 14 grupos de duas casas e por quatro casas isoladas, num total de 32 habitações. O tipo de construção não difere muito das casas da Vila Verde, apresentando a particularidade das casas serem todas diferentes. Introduziram-se igualmente elementos novos, como por exemplo um fontanário (Foto 24), um lampião e dois pilares de cantaria encimados por um motivo decorativo de

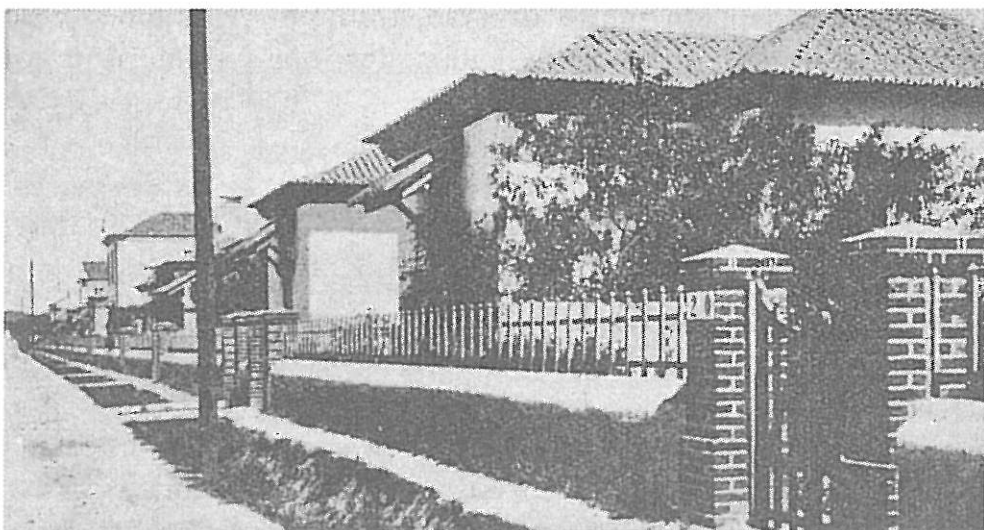
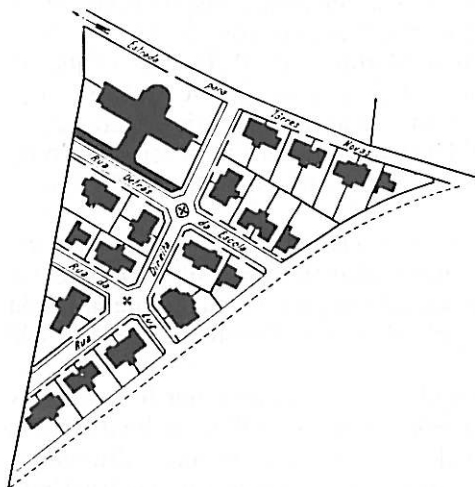


Foto 23 — Casa da Vila Verde (Bairro Social Ferroviário - 1926) sito na Rua Ferreira de Mesquita.

cunho nitidamente ferroviário — o carril — que ladeia a entrada para o Bairro (Foto 25). Este pormenor revela um certo simbolismo ao nível da arquitectura, relacionado, afinal, com a própria génese do Entroncamento porque, como já referi diversas vezes, foi de facto o Caminho de Ferro quem o criou e engrandeceu.

Se, como mencionei, a entrada do Bairro Camões denota uma simbologia ferroviária, a entrada da Escola que lhe fica anexa apresenta um aspecto tradicional, com pilares de cantaria encimados por mochos, simbolizando a Ciência. O edifício escolar está cercado por um muro maciço de alvenaria, rasgado por vãos de janela de secção rectangular, encimados por uma decoração neo-barroca.

Este bairro foi projectado pelos Arquitectos Luís da Cunha e Cottinelli Telmo e construído em 1926 (Foto 26).



(22) - PLANTA DO BAIRRO CAMÕES

(22) Planta extraída de «Uma Vila Sobre Carris», Obra Cit. pp. 25.



Foto 24 — Lâmpião do Bairro Camões (em 1.º plano). Casa à Portuguesa e ao fundo o Chafariz.



Foto 25 — Entrada para o Bairro Camões com os símbolos ferroviários: carril e dois pilares encimados por um perfil de carril.

As casas têm entre 4 a 6 divisões. Todas possuem sala de jantar, cozinha, casa de banho, água canalizada e luz eléctrica (Foto 27).

Além do jardim virado para a rua (Rua Ferreira de Mesquita), há um pequeno quintal nas traseiras de cada casa, onde os seus moradores praticavam horticultura e cuja finalidade seria, em primeira análise, servir de complemento à remuneração do operário ou como um meio de suprir a falta de géneros. De resto, a maioria das casas construídas nos anos 30 tinham um quintal de onde os seus moradores extraíam algum rendimento. Por outro lado, a meu ver, este pequeno espaço hortícola poderá ser encarado como uma reminiscência do apego à terra, à sua terra original, já que a população ao deixar os campos, lavou as mãos sujas de terra, para as vir sujar novamente de óleo das máquinas. Contudo na sua memória (memória cultural), o homem continuava a ter apego ao seu torrão e, como não estava totalmente desligado do meio rural e por consequência não totalmente adaptado ao meio industrial, esse pequeno espaço arável suprimia, mesmo que minimamente, essa carência.

As ruas do Bairro Camões foram baptizadas com designações de uso comum, tipicamente portuguesas, tais como: Rua da Luz, Rua de Trás da Escola, Rua Direita...

O bairro do «Boneco» e o bairro «Social Ferroviário», o primeiro construído na zona Norte e o segundo na zona Sul, próximo da Estação dos Caminhos de Ferro, são mais dois bairros construídos a expensas da Empresa.





Foto 26 — *Arquitectos do Bairro Camões.*



Foto 27 — *Casa do Bairro Camões.*

Um dos grandes impulsionadores desta Vila foi José Duarte Coelho. Fez parte da primeira Junta de Freguesia e foi o segundo presidente da Câmara Municipal do Entroncamento (tendo sido o 1.º presidente Jacinto Marques Agostinho, industrial) fundou a corporação dos Bombeiros Voluntários do Entroncamento, mandou construir o edifício dos Paços do Concelho e foi presidente de várias associações humanitárias, entre elas, a Casa de Protecção a Indigentes.

Tomou posse do cargo de presidência da Câmara em 1947.

Era um homem «respeitador das tradições ribatejanas, de que muito se orgulha, entusiasta aficionado da Festa Brava, revela no vestuário e na alma um profundo amor

pelo passado, pelo brilhante e castiço passado que tanta honra e fama deram à Província do Ribatejo, principalmente às terras que lhe pertencem, situadas à borda d'água» (23).

Embora sendo natural da Ribeira de Santarém, veio para esta terra onde trabalhou como funcionário da C.P., devotando toda a sua energia para o bem-estar desta Vila, levando a peito uma função tão espinhosa e conseguindo, aliado aos seus fiéis colaboradores e ao povo do Entroncamento, a sua autonomia.

Como dando o exemplo, o presidente da edilidade usava um traje tipicamente ribatejano, apegado que estava aos costumes e às tradições desta região, renegando assim a cópia do fato à andaluza tão em voga no Ribatejo, naquela época (Foto 28). Não abdica de forma alguma das suas ideias e tradições, tentando mesmo fazer perdurar esse costume ribatejano que quase se perdeu.

Não poderei avançar mais no tempo, nesta resenha histórica, sem deixar de mencionar a obra do pároco da freguesia, o padre Martinho Mourão, que estava (fins dos anos 40) a realizar no centro de Assistência Social Infantil uma acção louvável, bem como a acção humanitária exercida pelos esquiteiros. Estas constituem outras obras de beneficência, para além do Hospital e da Casa de Protecção aos Indigentes, onde a confecção de refeições, assim como todo o serviço, é feito por respeitáveis e bondosas senhoras.



Foto 28 — *José Duarte Coelho, Presidente da Câmara Municipal do Entroncamento com o seu traje tipicamente ribatejano - 1954.*

(23) «Vida Ribatejana» — Obra Cit. Número Especial do Ano de 1954.

Para finalizar o capítulo respeitante às realizações operadas de 1949 até 1954, achei por bem que seria necessária a análise da receita ordinária da Câmara, por ordem cronológica, para daí podermos tirar as nossas ilacções:

### RECEITA ORDINÁRIA DA CÂMARA

<u>ANO</u>	<u>MONTANTE</u>
1949	989 866\$22
1950	1 109 680\$50
1951	1 232 619\$80
1952	1 425 059\$20
1953	1 559 171\$40
1954	2 068 179\$40

Se comparamos as receitas podemos observar que, de 1949 a 1953, aumentaram de ano para ano numa quantia superior a cem contos. De 1953 a 1954 aumentaram cerca de 500 contos <sup>(24)</sup>.

Estamos perante dados concretos que nos dão um indicador do desenvolvimento deste Concelho.

Recorrendo a outro quadro relativo aos impostos e outras cobranças do ano de 1954 poderemos concluir, através da sua análise, que houve um aumento de capital resultante de um evidente crescimento demográfico.

### IMPOSTOS E OUTRAS COBRANÇAS DO ANO DE 1954

DESIGNAÇÃO		SALDO + RELATIVO 1953	SALDO - RELATIVO 1953
- Impostos Directos	210 641\$10	26 049\$00	-\$-
- Impostos Indirectos	276 687\$80	1 829\$80	-\$-
- Taxa de Rendimentos de Diversos Serviços	239 476\$20	9. 879\$60	-\$-
- Rendimentos dos Bens Próprios e dos Serviços Municipalizados	962 400\$20	137 335\$30	-\$-
- Reembolso e Reposição	6 941\$30	-\$-	3 550\$00
- Receitas Extraordinárias	286 447\$00	127 560\$00	-\$-

O Saldo positivo entre os dois anos é na ordem dos 307 776\$30 <sup>(25)</sup>.

Em 1955 foi concluído o bairro de casas económicas Dr. Oliveira Salazar, pertencente ao Estado, actualmente designado por bairro da Liberdade (Foto 29), constituído por cento e duas moradias, com rés-do-chão e 1.º andar, geminadas duas a duas, tendo cada uma delas no andar térreo, hall, sala de jantar, cozinha e no 1.º andar, 2 quartos e casa de banho. Todas possuem um pequeno jardim que as separa da rua, bem como um quintal, nas traseiras do edifício.

A construção de mais um bairro habitacional contribuiu muito para ajudar a minorar os problemas inerentes à falta de habitação, pois à época, e como é de calcular, devido ao afluxo constante de novas famílias para este concelho, já se fazia sentir uma enorme crise habitacional.

Nesta data (1955) estava já em fase de conclusão o bairro de «casas baratas» destinadas às classes mais desfavorecidas. Este bairro que se designa por bairro «Engenheiro José Frederico Ulrich» é pertença da Câmara do Entroncamento (Foto 30) e é composto por 120 moradias, igualmente geminadas duas a duas, algumas com dois pisos — rés-do-chão e 1.º andar. Dessas 120 moradias faltavam ainda concluir, à época, trinta. Cada habitação tem casa de jantar, 3 quartos, cozinha e casa de banho. Para este tipo de moradia a renda mensal estabelecida orçava os 70\$00. Casas com mais uma ou duas divisões orçariam entre 80 e 100 escudos, mensalmente <sup>(26)</sup>.



Foto 29 — Rua do Bairro Dr. Oliveira Salazar (actual Bairro da Liberdade).

<sup>(26)</sup> Idem - pp. 60.

<sup>(24)</sup> Idem. Número Especial do Ano de 1955, pp. 62.

<sup>(25)</sup> Idem - pp. 62.





Foto 30 — Rua do Bairro «Eng.<sup>o</sup> José Frederico Ulrich», para as classes pobres.

Segundo fontes oficiais <sup>(27)</sup>, estas 120 moradias já não eram suficientes para satisfazer todas as necessidades. Havia 60 pedidos para habitação que não poderiam ser satisfeitos a curto prazo.

No que diz respeito às estradas camarárias, o Entroncamento contava com 22 quilómetros de ruas, dos quais 15 kms estavam já saneados.

Possuía um hospital — o Hospital da Misericórdia (Foto 31), instalado em terreno cedido pela Casa Agostinhos. Foi edificado através de várias participações: do Estado, da Câmara do Entroncamento, da Casa Sommer (Quinta da Cardiga) e com a ajuda do povo através do produto de festas e cortejos de oferendas. (Fotos 32, 33 e 34)

Em 1956 prossegue-se com as obras respeitantes ao saneamento básico. A rede de esgotos prossegue as suas 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> fases de construção.

Neste ano o destaque primordial incide sobre a inauguração do Hospital da Misericórdia. Este centro hospitalar considerado então como um bom hospital de província, tinha condições para realizar pequena cirurgia, possuía aparelhagem de raios ultravioletas, raios X, infra-vermelhos e ondas curtas. Tinha salas de consultas

<sup>(27)</sup> Idem - Entrevista dada por José Duarte Coelho ao Director da Revista «Vida Ribatejana» - Santarém. Número Especial de 1955 - pp. 61.



Foto 31 — Hospital da Misericórdia no Entroncamento, inaugurado a 27 de Novembro de 1955.



Foto 32 — Cortejo de Oferendas.



Foto 33 — *Outro aspecto do Cortejo de Oferendas.*



Foto 34 — *Cortejo de Oferendas - A Juventude Operária presente no Cortejo.*

e tratamentos, quartos-enfermarias e maternidade. No 1.º piso residiam as irmãs da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima, incumbidas do serviço de enfermagem e de preservação e arranjo da Capela <sup>(28)</sup>.

Damos agora um «salto» no tempo, já que de 1956 a 1968 não ocorreram factos relevantes que mereçam ser mencionados.

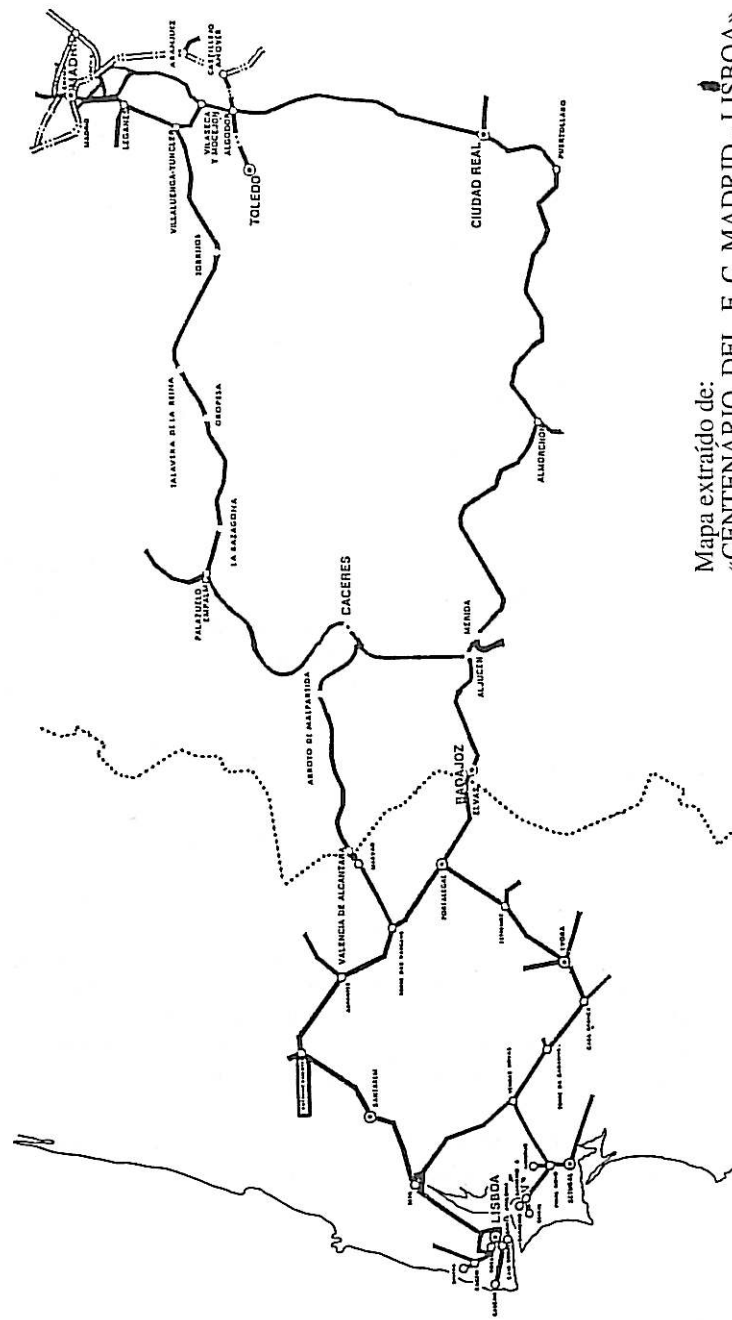
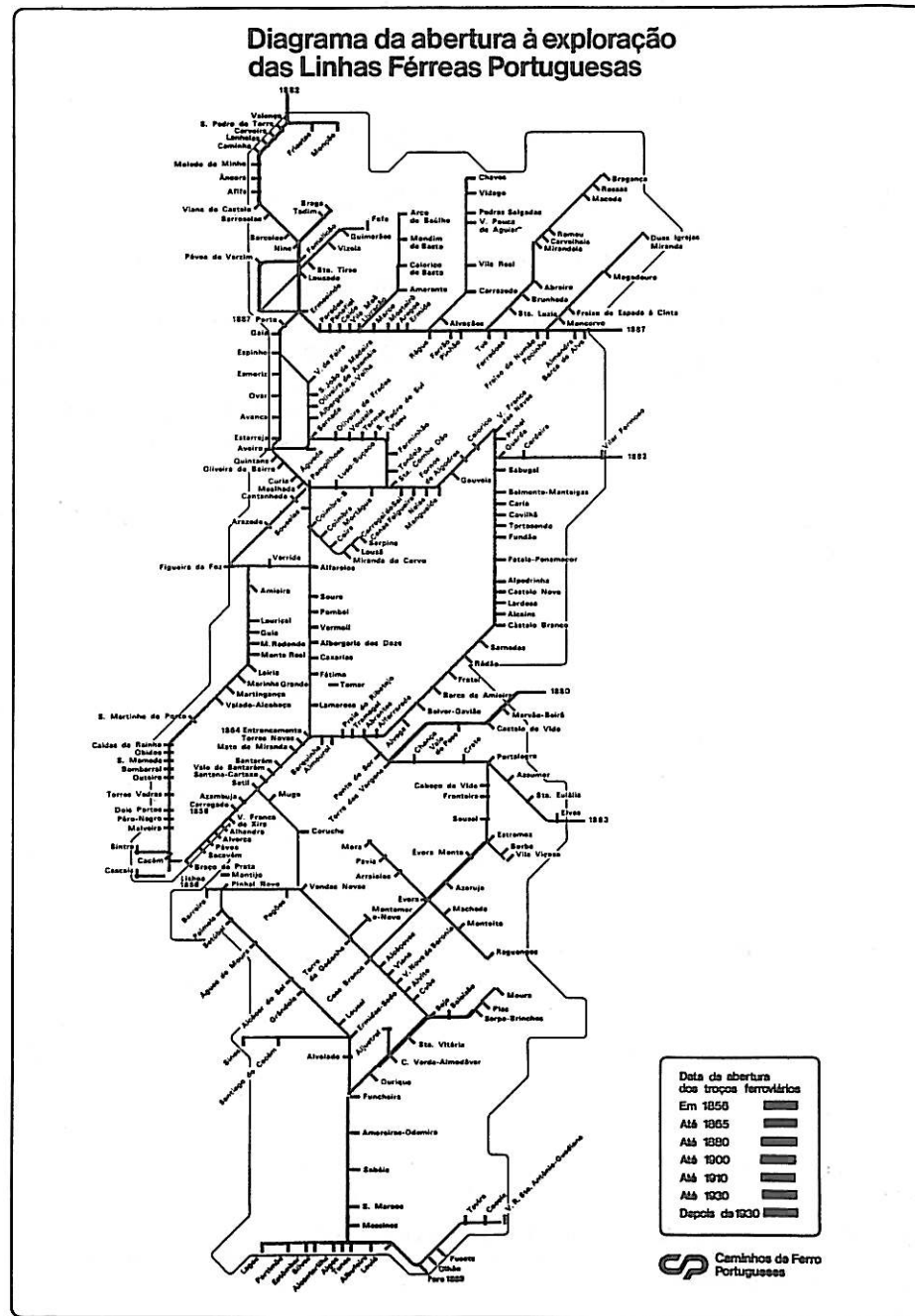
Assim, prosseguirei referenciando as ocorrências mais significativas em 1968, passando desde já à transcrição dum excerto que me parece bastante elucidativo:

«A estação do Entroncamento que está situada no centro da Vila, é incontestavelmente o mais importante centro ferroviário do País, verdadeiro nó de comunicações onde convergem não só as linhas férreas nacionais do Norte e da Beira Baixa, como as internacionais, que nos ligam directamente com a Espanha e o resto da Europa.

As suas gares são ladeadas por cerca de 70 kms de linhas férreas pelas quais cruzam diariamente mais de noventa comboios de passageiros e mercadorias, passando por as mesmas, aproximadamente 15 000 passageiros por dia» <sup>(29)</sup> (Vide Mapas N.ºs 1 e 2).

<sup>(28)</sup> Idem - «Vida Ribatejana». Ano especial de 1956, Santarém - pp. 156/157.

<sup>(29)</sup> «A Hora» - Jornal Ilustrado - Edição Especial do XXIII Aniversário do Concelho do Entroncamento. Santarém, 24 de Novembro de 1968 - pp. 15.



Mapa extraído de:  
 «CENTENARIO DEL F. C. MADRID - LISBOA»  
 1881 - 1981

Unidad de Publicaciones del Gire  
 MADRID, Octubre 1931.



Sendo o Entroncamento considerado como a capital dos ferroviários e, segundo alguns autores consultados <sup>(30)</sup>, «o incremento que lhe foi imprimido bem como o constante apoio por parte do Estado (Estado Novo) prendeu-se com o facto desta Vila ser um meio ferroviário, onde predomina o operariado, fermento sempre latente de possíveis manifestações de oposição a uma política que a Junta de Freguesia constantemente elogiava. Daí que, nos períodos que antecediam a chamada às urnas, se multiplicassem os apelos daquela entidade quer à governação quer aos entroncamentenses que dispunham assim de mais uma ocasião para manifestar o seu agradecimento à benevolência que o Estado Novo dedicava a esta terra».

De acordo com o director do Jornal «A Hora», «O Trabalho é a única preocupação que norteia esta população» <sup>(31)</sup>, pois, caso original, é uma povoação em que não se encontra um vadio; todos têm uma ocupação pela qual auferem os lucros para a sua subsistência. E é graças ao trabalho e ao espírito empreendedor dos seus dinamizadores locais, apoiados pelos órgãos governamentais, que o Entroncamento conheceu um vertiginoso progresso uma vez que em menos de vinte anos passou de simples lugarejo a Freguesia, daí a Vila e posteriormente a Concelho. É evidente que tudo se passa graças à instalação de uma «encruzilhada» de vias férreas.

Em 1968 Eugénio Dias Poitout ocupava o cargo de Presidente da Câmara Municipal e nessa qualidade realizou diversas obras de interesse público, tais como a construção do segundo reservatório de água, construção de mais uma Escola Primária, com 8 salas de aula, construção do edifício para a GNR, construção do viaduto que era extremamente necessário para fazer a ligação entre a parte Norte e a parte Sul. Para os peões já existia uma ponte, inicialmente construída em madeira (Foto 35) e posteriormente reconstruída em cimento armado. Contudo, os automobilistas estavam sujeitos a longas esperas porque a ligação rodoviária entre a parte Norte e a Sul era cortada por uma passagem de nível, o que originava, além de grandes perdas de tempo, contínuos engarrafamentos de tráfego rodoviário (Foto 36). Urgia que se construísse um viaduto que passasse sobre as linhas férreas e solucionasse este problema. Esta obra foi realizada por Eugénio Dias Poitout, razão pela qual o viaduto passou a ter o seu nome.

Proseguiu-se à pavimentação das ruas. Na Vila já existiam 40 quilómetros de ruas, embora muitas estivessem ainda por pavimentar. Construíram-se dois sanitários públicos, um para homens e outro para senhoras, na parte Sul; criou-se um serviço diário de recolha de lixo, aliás o que veio trazer grandes benefícios para a população, visto que alguns terrenos incultos (dentro da área urbana) eram aproveitados como lixeiras, o que se tornava bastante prejudicial à saúde pública.

Sob o ponto de vista cultural havia a Escola Dr. Ruy d'Andrade, no edifício da "Escola da Serração", actualmente Escola Primária e Jardim de Infância, onde era

<sup>(30)</sup> Idem - pp. 15.

<sup>(31)</sup> Idem - pp. 16.

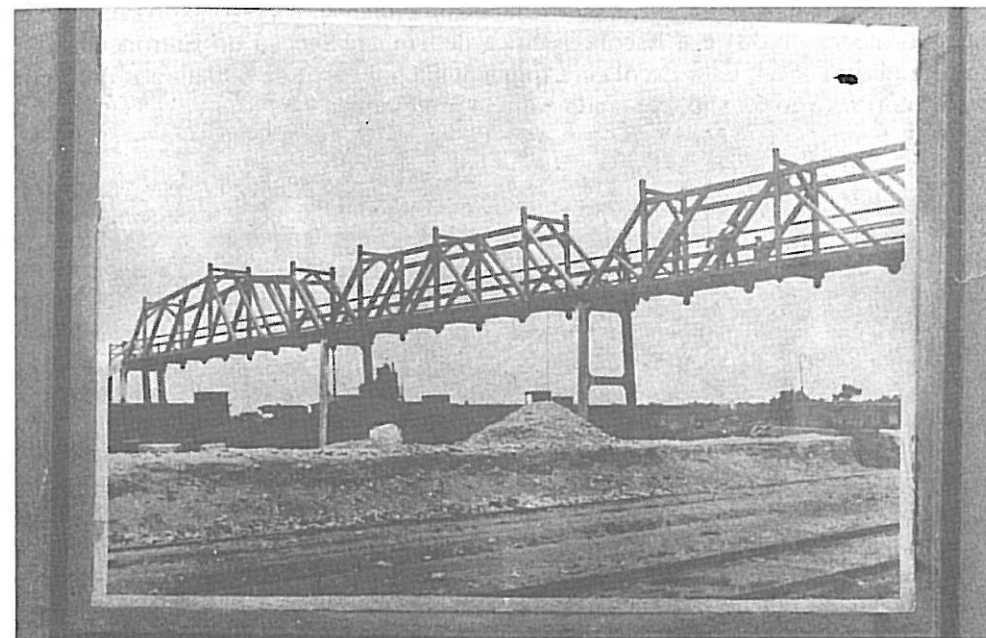


Foto 35 — Ponte de madeira para peões, que ligava a Zona Norte à Zona Sul, sobre as linhas férreas.



Foto 36 — Passagem de Nível a suprimir devido à constante dificuldade de trânsito.



ministrado o Ensino Preparatório, Industrial e Comercial, várias escolas do Ensino Primário (Fotos 37 e 38) e a Escola Técnica de Tomar, Secção do Entroncamento, inaugurada em 1964. Esta Escola era frequentada por cerca de 600 alunos do Ciclo Preparatório até ao 6.º ano, contando com 34 professores.

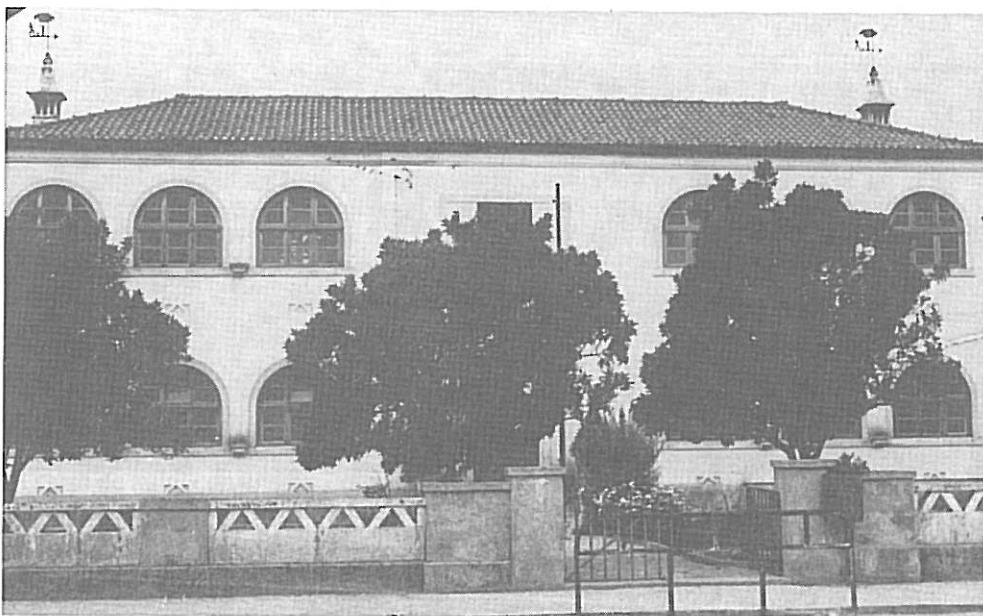


Foto 37 — Escola Primária Masculina (1948).

Evolução da população escolar nesta Secção:

ANO LECTIVO	POPULAÇÃO ESCOLAR
1964 / 1965	207 Alunos
1965 / 1966	373 "
1966 / 1967	522 "
1967 / 1968	631 "

NOTA: Estes dados são relativos APENAS à Secção do Entroncamento da Escola Técnica de Tomar.



Foto 38 — Escola do Jardim (Zona Sul) - 1939.

Da análise do quadro representado podemos apurar que o aumento gradual da população escolar é consequência imediata do aumento demográfico desta região, o que é sintomático do nível de desenvolvimento sempre evidente. E, parefraseando uma obra citada, direi que «O Entroncamento segue muito notavelmente o exemplo dos comboios que lhe deram a vida: sempre em frente!»<sup>(32)</sup>.

Para além destes estabelecimentos de ensino podiam ainda contar com o Externato Mouzinho de Albuquerque, fundado em 1945. Em 1959 foi adquirido pelo Patriarcado de Lisboa. Eram administrados o Ensino Primário, Ensino Secundário, e o Ciclo Preparatório de TV. Para além destas actividades escolares funcionava igualmente o Centro Extra-Escolar da Mocidade Portuguesa. Neste estabelecimento de ensino leccionavam 13 professores.

A população escolar em 1968, em todos os ramos de ensino, ultrapassava já os mil alunos!

Em 1965 foi fundada a Biblioteca Municipal (Foto 39). Aquando da sua inauguração a Fundação Gulbenkian ofereceu 1 752 livros e nesse mesmo ano havia

<sup>(32)</sup> Idem - pp. 10.



Foto 39 — Sala de Leitura da Biblioteca Municipal.

um total de 1 060 leitores inscritos, o que revela o interesse da população (especialmente população jovem) pela instrução e cultura. Dois anos mais tarde existiam já 7 000 livros, 7 908 leitores atendidos, 1914 leitores inscritos e 1 736 livros requisitados <sup>(33)</sup>.

No que concerne à Imprensa esta também tinha a sua representatividade nesta Vila. O Primeiro Jornal que existiu foi «O Entroncamento» fundado em 1930. Tratava-se de um quinzenário regionalista. Era composto e impresso na hoje extinta Tipografia Silva, estando a sua sede instalada na Rua 5 de Outubro. Para além deste Jornal era editado «O Notícias do Entroncamento», fundado em 1946, propriedade da Sociedade Luz e Progresso (Patriarcado).

Um outro aspecto cultural que convém destacar diz respeito à Banda de Música do Grupo 84 dos Escoteiros de Portugal. A sua fundação parece datar de 1931. Em 1968 lutam já com falta de elementos. Era composta, no seu início, por 27 membros e presidida pelo Sr. José Duarte Coelho que dela muito se orgulhava porque, para além de tudo, era a única Banda de escoteiros existentes em todo o mundo <sup>(34)</sup>.

Esta banda contribuía de forma decisiva para a cultura da população, dando

<sup>(33)</sup> Idem - pp. 10.

<sup>(34)</sup> Idem - pp. 16.



Foto 40 — Concerto pela Banda de Música do Grupo 84 dos Escoteiros de Portugal, no Coreto do Jardim-Parque Dr. José Pereira Caldas.

concertos periódicos no Coreto do Jardim-Parque (e também um pouco por todo o país) (Foto 40).

O Grupo n.º 84 dos Escoteiros de Portugal existia já desde 1929. Este grupo possuía uma biblioteca privativa, executava trabalhos manuais que eram posteriormente expostos e mantinha boas relações com os seus congéneres doutros concelhos. A sua sede estava instalada no edifício dos Paços do Concelho (Fotos 41 e 42).

O Cine-Teatro S. João foi fundado em 24 de Novembro de 1965 (Foto 43), por iniciativa particular e apresentava espectáculos trisemanalmente.

Existia igualmente um Salão Paroquial. Neste salão realizavam-se reuniões, ali funcionava a catequese e também se efectuavam eventuais sessões de cinema ou teatro.

Encontrei uma referência a festas que se realizavam no largo das Vaginhas, no dia 24 de Junho, festas estas dedicadas ao Santo Padroeiro, São João Baptista e eram muito animadas. Tinham um arraial, quermesse, procissão a São João Baptista, fogos de artifício e concertos executados pela banda de música dos escoteiros. Contudo, segundo



Foto 41 — Construção do Edifício dos Paços do Concelho (1936) no local da Fábrica de Refrigerantes Capela.

a mesma fonte <sup>(35)</sup> deixaram de existir, talvez por ter deixado de fazer sentido já que os mais velhos, respeitadores das tradições, foram desaparecendo e os mais novos não se propunham realizá-las. De facto é uma pena que esta tradição popular se tenha perdido no tempo, pois era originária da parte mais antiga do Entroncamento — as Vaginhas.

Recreio e Desporto: Havia vários grupos recreativos e desportivos. A colectividade mais antiga era «O Grupo Recreativo 1.º de Outubro de 1911» (Foto 43), designado por «Parafuso» (uso popular). Com esta denominação porque aquando da sua fundação, um dos elementos estava a montar o palco e precisava de parafusos. Desta forma proferiu: «Dá-me outro parafuso!». A frase foi ouvida e repetida decidindo-se que haveria de ficar a chamar-se «Parafuso» e realmente assim foi <sup>(36)</sup>.

Nesta sociedade todos os anos se realizavam festas e bailes onde era eleita uma

<sup>(35)</sup> Idem - pp. 18.

<sup>(36)</sup> Idem - pp. 22.

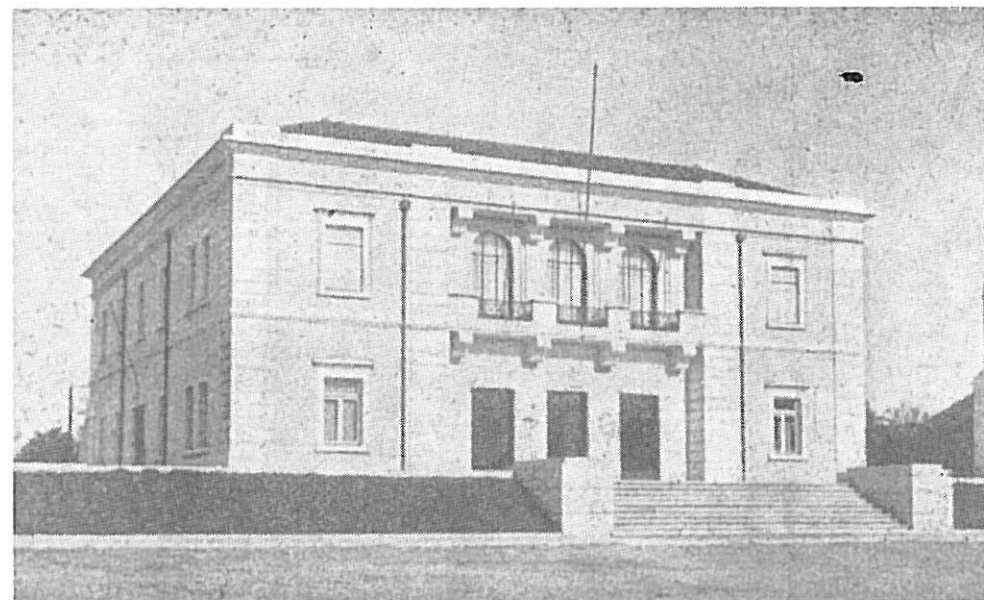


Foto 42 — Câmara Municipal do Entroncamento.

rainha, a rainha da pinhata e uma princesa de beleza. Além destas festas também eram apresentadas peças de teatro amador.

«União Futebol do Entroncamento» era uma associação desportiva. Mas, apesar do seu nome, a partir de 1968 começou a dedicar-se apenas ao Hóquei em Patins. Na sua sede têm lugar frequentes bailes. Elegem também a sua rainha da pinhata, como em todas as outras associações do género.

Aquando da sua fundação (1928) foi um dos mais valiosos baluartes do futebol da região.

Outro grupo desportivo, «Onze Unidos Futebol Clube», foi fundado em 10 de Fevereiro de 1929 (Foto 44). Jogavam frequentemente com o seu rival União. Os jogos eram aliciantes e os jogadores tinham qualidade, chegando a ir jogar a Espanha. Contudo, com o evoluir do tempo abandonou forçosamente os seus sectores desportivos e limitou-se a viver como simples colectividade recreativa, acabando por dedicar-se quase exclusivamente à realização de bailes.

«O Grupo Desportivo dos Ferroviários do Entroncamento», fundado em 25 de Maio de 1931, dedicava-se inicialmente a torneios ferroviários na modalidade de futebol. Além desta, desenvolvia outras modalidades desportivas, tais como: basquetebol, ténis de mesa, atletismo, ginástica desportiva e educativa, campismo, voleibol, pesca desportiva e andebol. Era o grupo mais importante do Entroncamento.

Na parte recreativa o grupo levava a efeito «matinés» e «soirés» dançantes. No decorrer duma delas era eleita anualmente a rainha dos ferroviários. Esta rapariga





Foto 43 — Sede do Grupo Recreativo 1.º de Outubro de 1911 «PARAFUSO».



Foto 44 — Edifício do Onze Unidos Futebol Clube.

eleita pelos membros daquela colectividade representava-os simbolicamente durante um ano. <sup>(37)</sup>

Além destas colectividades existiam ainda o Clube Columbófilo «Asas do Entroncamento», fundado em 1935, a Associação de Patinagem do Distrito de Santarém, que em 1964 passou desta cidade para o Entroncamento e finalmente o Clube de Campismo que surgiu da fusão de pequenos núcleos campistas. Apareceu assim reunido e constituído em 1965.

No âmbito da Assistência Social salienta-se a Comissão Municipal de Assistência, criada nos anos 60, que por falta de verbas, actuava sobretudo na obtenção de medicamentos e vestuário para os mais desfavorecidos; o Hospital da Santa Casa da Misericórdia criado em 1955; o Centro de Assistência Social fundado nos anos 50, que funcionou inicialmente como simples creche e onde, mais tarde, se iniciou uma casa de lavores. Aqui aprendiam as artes dos bordados e inclusivamente da culinária. Havia também neste departamento um jardim de infância com capacidade para 50 crianças; salas de estudo para crianças em idade escolar; salas de estudo para formação de adolescentes, onde funcionava uma carpintaria, e finalmente um serviço alimentar para as crianças e demais pessoas que frequentavam o Centro. Os géneros eram a expensas da Cáritas.

O serviço do Centro de Assistência estava assegurado em grande parte por religiosas da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima. Havia também uma assistente social, uma educadora infantil, algum pessoal auxiliar e uma professora de bordados e culinária.

Neste Centro também se realizavam cursos de puericultura, higiene e enfermagem.

Nos anos 60, com a sua acção de beneficiência auxiliava cerca de 60 famílias das mais desfavorecidas.

Há ainda a destacar a acção humanitária praticada pelos Bombeiros Voluntários, cujo quartel estava instalado no Edifício dos Paços do Concelho (Foto 45). A Casa de Protecção a Indigentes, o Movimento Nacional Feminino e finalmente a Conferência de São Vicente de Paulo, desenvolviam também acções de beneficiência <sup>(38)</sup>.

Existia, em 1968, a Sociedade Cooperativa de Crédito e Consumo dos Ferroviários e Aderentes (Foto 46), que era o estabelecimento comercial retalhista mais importante na altura. Foi fundado em 1912 e, aquando da sua fundação, contava apenas com pouco mais de meia centena de sócios. Alguns anos decorridos esse número quase quintuplicou, de forma que puderam adquirir novas instalações. Mais tarde, com o crescente número de sócios e para suprir as necessidades da população associada, construíram uma moderna sede tipo supermercado onde tudo estava impecavelmente arrumado. Neste

<sup>(37)</sup> Idem - pp. 23.

<sup>(38)</sup> Idem - pp. 24.



Foto 45 — Viaturas dos Bombeiros Voluntários. Quartel dos Bombeiros instalado nas traseiras do Edifício dos Paços do Concelho.

estabelecimento vendiam-se mercearias finas e fazendas, obedecendo aos mais modernos requintes da época. A direcção que a presidia tomou a iniciativa de anexar um Restaurante e um Café, o que aumentou substancialmente os rendimentos daquela Cooperativa <sup>(39)</sup>.

O Sindicato dos Ferroviários do Centro estava instalado em edifício próprio e reunia as condições necessárias para que os ferroviários filiados pudessem ter bons momentos de lazer. Possuía salas de jogos, gabinetes de leitura, uma sala de diversões e um snack-bar.

Havia ainda instituições militares que constituíam, também elas, um polo de atracção das populações, e igualmente contribuíram para o desenvolvimento desta Vila. Os efectivos militares chegaram a atingir os mil e quinhentos homens em 1968.

A mais antiga instituição militar instalada no Entroncamento foi o Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, existente na localidade desde 1919 (Foto 47).

<sup>(39)</sup> Idem - pp. 25.



Foto 46 — Edifício da Sede da Sociedade Cooperativa de Crédito e Consumo dos Ferroviários e Aderentes (S.C.F.A.)

Para além desta instituição havia a Companhia Divisionária de Manutenção de Material que era a mais moderna. Possuía uma oficina de reparação de viaturas e reunia o maior número de efectivos, sendo a mais importante unidade Militar instalada nesta região.

A sucursal da Manutenção Militar era outra unidade que possuía indústria, empregando desta forma, tal como outras, um número bastante razoável de indivíduos. Esta unidade estava encarregue de fabricar o pão para consumo dos militares dos diversos aquartelamentos, assim como tratar de géneros hortícolas e forragens para o gado de abate destinado ao consumo.

Para além das referidas unidades militares havia o Depósito de Material de Intendência: o Depósito de Material de Guerra e a Delegação das Oficinas Gerais de Fardamento e Calçado do Exército <sup>(40)</sup> (Foto 48).

É evidente que estas unidades militares se instalaram no Entroncamento após o

<sup>(40)</sup> Idem - pp. 15.



Foto 47 — Centro de Instrução do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro.

aparecimento dos Caminhos de Ferro. Como local estratégico, constituía, de facto, um ponto fulcral e de fácil acesso ao resto do país, para manobras militares. Por outro lado, ao Estado Novo convinha sobremaneira uma força militar permanente numa área onde predominava o operariado.

Politicamente existia uma Comissão Concelhia da União Nacional e um «terço» da Legião Portuguesa.

Da União Nacional faziam parte elementos de relevo da vida política entroncantense, como o Sr. José Duarte Coelho, a quem já me referi anteriormente. Tinha como finalidade congregar, no mesmo ideal de «Unidade Nacional», todo o esforço local.

Os serviços Policiais eram assegurados por diversas unidades dos vários sectores. Assim, em primeiro lugar havia a Guarda Fiscal, com um posto próprio instalado junto à Estação dos Caminhos de Ferro. Os seus efectivos eram compostos por três praças, dois cabos e um segundo sargento, num total de seis elementos.

A Guarda Nacional Republicana, instalada nesta Vila desde 12 de Outubro de



Foto 48 — Batalhão de Serviço de Material.

1962, possuía 14 efectivos. Destes 14 indivíduos um era o comandante que tinha o posto de sargento e os restantes eram praças. O seu policiamento era feito nos arredores do Concelho e nas vias ferroviárias, assistindo à chegada e à partida dos comboios, para que tudo decorresse dentro das normas estabelecidas.

A Polícia Internacional e de Defesa do Estado (P.I.D.E.) estava igualmente representada nesta localidade, possuindo seis agentes comandados por um Chefe de Brigada. O edifício-sede situava-se na Rua Batalhão dos Sapadores de Caminhos de Ferro.

A Polícia de Segurança Pública instalou-se na Vila em Maio de 1935. Contava com 1 subchefe e 6 guardas. Em 1968 contava com 15 agentes, 2 subchefes e um chefe, altura da inauguração do novo edifício (Foto 49).

A Polícia de Viação e Trânsito possuía 5 agentes, que patrulhavam regularmente as ruas da Vila, bem como um subchefe.

Nesta época a Vila já possuía uma praça de táxis e carreiras regulares de camionetas que faziam a ligação com os vários pontos do país <sup>(40)</sup>.

<sup>(40)</sup> Idem - pp. 28.





Foto 49 — Edifício do Posto da Polícia de Segurança Pública.

Actividades Económicas: Neste sector a indústria tem principal relevo. Já referi o importante papel da C.P. e do Exército que, com as suas oficinas e fábricas, empregavam bastante mão de obra. Para além destas duas unidades havia já algumas fábricas de extrema importância que, devido ao seu local estratégico, se instalaram nesta região e contribuíram para o seu desenvolvimento.

Começarei por referir a Fábrica Compal, fundada em 1952 e que fazia a transformação e conservação de frutos e produtos hortícolas, bem como a desidratação e fabrico de sumos naturais e polpas de frutos. Os seus produtos eram escoados quer para os mercados nacionais como internacionais (Inglaterra, Noruega, Canadá e outros).

Uma outra fábrica, a SONORTE, S.A.R.L., começou no Porto a sua actividade, deslocando-se para o Entroncamento em 1961. Ocupando uma área de 100 000 metros quadrados, a sociedade dedicou-se à construção metálica pesada, incluindo reservatórios, tubagens, pontes rolantes, estruturas metálicas, bem como mobiliário metálico RENA. Em alumínio fabricava tanques cisternas para transporte de carburantes destinados a empresas petrolíferas. Possuía patente Suíça de elementos triangulares PAL (andaimes e torres).

José Marques Agostinhos, Filhos & C.<sup>ª</sup>, foi outra Firma que se fixou no

Entroncamento em 1900. Em 1929 José Marques Agostinho deu sociedade aos dois filhos, razão pela qual a firma tem esta designação. Detinham agências centrais da SHELL; a representação com correspondentes de vários Bancos; exportação dos seus vinhos e derivados (vinagre e aguardente) para o estrangeiro. Possuíam uma unidade destinada ao fabrico do «Vinagre Cristal» e espumante «Magos». Possuíam ainda: oficina de reparação de automóveis, estação de serviço e posto de abastecimento de combustíveis e óleos lubrificantes. Com o decorrer do tempo esta firma foi prosperando e abriu filiais no Porto, Évora, Santarém e Beja. No Entroncamento empregavam 262 trabalhadores, tinham 9 viaturas pesadas de mercadorias bem como 9 carros ligeiros de serviço.

A Fábrica de Malhas Ilda foi outra unidade industrial que surgiu nesta Vila a 7 de Março de 1953. Confeccionava malhas para homem, senhora e criança, dando emprego a 40 pessoas. As suas instalações cobriam uma área de 800 metros quadrados na Rua 31 de Janeiro.

Uma outra unidade de tipo industrial era a Sociedade de Construções VALURA, LDA., fundada em 1945. Tinha ao seu serviço 200 operários e 10 empregados de escritório. Dedicava-se, como o próprio nome indica, à construção civil.

A casa Adelino Barbosa da Silva foi fundada em 1918 e fabricava mobiliário hospitalar, além de portas e janelas para a construção civil. Ocupava uma área de 600 metros quadrados e empregava 30 pessoas.

Havia outras firmas igualmente importantes, como a Construtora João Henriques; a Empresa de Madeiras Progresso, Lda.; a Casa António Silva & Filho, Lda., as Serrações dos Parrachos e do Manuel Júlio, a fábrica de cortiça dos «Leontinos do Barreiro», além de algumas outras pequenas firmas (41).

No sector terciário podemos destacar a feira anual; o mercado mensal, o mercado diário, bem como toda uma série de estabelecimentos comerciais e todos os Serviços.

O sector primário era o que tinha menor representatividade. Existiam pequenas hortas e pomares dentro da área do Concelho, mas a agricultura em grande escala só se praticava na Quinta da Cardiga e na Quinta da Ponte da Pedra, pertencentes respectivamente aos Concelhos da Golegã e de Vila Nova da Barquinha. É evidente que havia trabalhadores dessas Quintas que residiam no Entroncamento.

No edifício dos Paços do Concelho estavam centralizados todos os serviços municipalizados, nomeadamente a Secção de Finanças. Desta Secção retirei alguns dados estatísticos que me pareceram úteis. Desta forma em 1968 podemos dar conta dos rendimentos obtidos.

(41) Idem - pp. 26.

Da análise do quadro podemos constatar que o imposto profissional era elevado, o que é sintomático de uma grande produtividade distribuída essencialmente pelos sectores secundário e terciário, componentes quase exclusivos da população activa deste jovem Concelho.

### IMPOSTOS SOBRE RENDIMENTOS EM 1968

Rendimento Predial	650 366\$00
Rendimento Predial Urbano	5 971 828\$00
Imposto Profissional	12 211 587\$00
Contribuição Industrial Grupo A	3 404 930\$00
" " Grupo B	4 278 710\$00
" " Grupo C	530 680\$00

FONTE: Repartição de Finanças do Entroncamento

Em 1968, como referi, ocorreram factos que mereceram a minha atenção especial: modificações, transformações, progresso.

Uma das alterações que se operou foi na Escola Camões. Nesta Escola deixou de ser ministrado o ensino primário, passando a funcionar como Escola Técnica de aprendizes das oficinas privativas da C.P.

Existia já na época um moderno Dispensário de Profilaxia e Higiene, onde funcionavam os Serviços Médicos da Empresa (Foto 50).

A «Escola de Maquinistas e Fogueiros» deixou de funcionar, devido à modernização dos meios de transporte. As locomotivas a vapor foram substituídas pelas locomotivas Diesel e, como tal, a Escola de Maquinistas e Fogueiros não tinha razão de existir. Surgiram também as máquinas de Tracção Eléctrica, razão pela qual a C.P. começou a formar pessoal no sentido de o especializar nestas inovações tecnológicas. A Companhia dos Caminhos de Ferro criou então o Centro de Formação Profissional que ministrava ensinamentos a centenas de ferroviários das mais diversas categorias, dentro dos métodos mais modernos da especialidade.

Como as instalações fossem já pequenas para satisfazer as necessidades desse ramo de ensino, a Companhia dos Caminhos de Ferro deliberou a construção do novo Centro de Formação Profissional que seria o melhor da Península dentro deste género de ensino e aperfeiçoamento profissional.

A C.P. propunha-se construir uma verdadeira «Cidade Ferroviária». Tendo adquirido, no Concelho, cerca de duzentos mil metros quadrados de terreno, pretendia



Foto 50 — Dispensário de Profilaxia e Higiene da C.P..

construir aí grandes imóveis, onde seria instalado o edifício da Direcção (com secretaria, recepção e escritórios), um outro edifício para aulas (com 10 salas e capacidade para 300 alunos), outro para dormitório e recreio (destinado a 150 estagiários) e por último o edifício destinado a um grande Auditório (para conferências e projecções) bem como o Centro Piloto de Recreio com 8 salas para lições teóricas e práticas. Para além deste complexo existiria um grande parque desportivo e uma piscina.

Os trabalhos em 1968 já tinham ido a concurso e começava a encetar-se a grandiosa obra, que ficou concluída no final da década de 70. Desta forma «não há dúvida que o cada vez mais progressivo Entroncamento — FILHO DIRECTO DA C.P. — passará também a possuir a sua «Cidade Ferroviária», tal como Lisboa a «Cidade Universitária»<sup>(42)</sup>.

Para além destas realizações a C.P. tencionava construir, na Rua D. Afonso Henriques, mais um bairro residencial de 3 andares, num total de quarenta moradias destinadas a famílias de ferroviários.

<sup>(42)</sup> Idem - pp. 27.

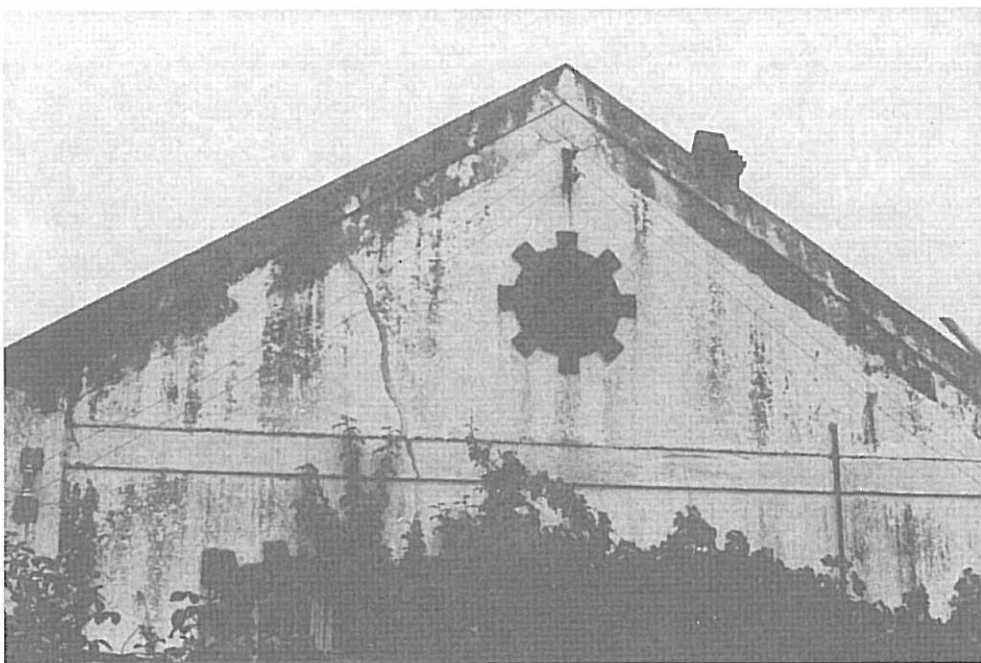


Foto 51 — Pormenor de uma casa do Bairro Social Ferroviário «O Boneco».

Propositadamente deixei para o fim o valioso património industrial que a C.P. possuía neste centro ferroviário, bastante populoso, o que fez dele, incontestavelmente, o mais importante do País.

Assim, vejamos as principais unidades daquela companhia, existentes em 1968: Oficinas de fabrico e reparação de molas; oficinas de grande reparação de material motorizado; oficinas de vagões (consideradas, à época, as melhores da Península); oficinas de rodas (apetrechadas de tornos gigantescos onde são reparados todos os rodados de locomotivas, automotoras, carruagens, vagões, etc.); oficinas de locomotivas a vapor; oficinas de serração (destinadas à preparação de madeiras para os mais diversos serviços da Companhia); oficinas de mobílias; oficinas de creosotagem (onde são preparadas todas as travessas para as linhas férreas); um sector de Manutenção destinado a assegurar a conservação do material existente e finalmente uma secção de Via e Obras e Cantões de Obras Metálicas (destinados à reparação de pontes e obras de telecomunicações).

A Empresa dispunha ainda, neste concelho, de muitas linhas férreas, cuja extensão aproximada era de 70 km, duma imponente «Gare» de Triagem para Formação e Desformação de comboios de mercadorias e uma potente central termo-eléctrica, de 600 cavalos-vapor, para fornecimento de luz e força motriz às oficinas em caso de



Foto 52 — Bairro Social Ferroviário da C.P..

faltas de corrente da Hidro-Eléctrica do Alto Alentejo, que abastecia todas as instalações ferroviárias locais <sup>(43)</sup>.

A C.P. construiu também vários bairros para os seus funcionários, como o bairro do «Boneco» (Foto 51), o Bairro Camões, a Vila Verde e o Bairro Social Ferroviário (Foto 52), os quais já referi em páginas anteriores.

No campo da Assistência Social a Companhia possuía duas colónias de férias (Mangualde e Praia das Maças) destinadas aos filhos dos ferroviários, o Dispensário de Profilaxia e Higiene que referi anteriormente, uma ampla e higiénica Cantina e um bom Armazém de Víveres que abastecia cerca de 4 000 ferroviários e as respectivas famílias.

Fiz menção, em páginas anteriores, às obras realizadas pelo Município nesta data. Era presidente da edilidade o Sr. Eugénio Dias Poitout, que tomou posse do cargo em 1968 e que nele se manteve até 1974.

No plano de Actividades base para o Orçamento de 1968, a Câmara contava com uma receita de 2 600 contos. Desta verba, 600 contos destinaram-se a encargos obri-

<sup>(43)</sup> Idem - pp. 27.





Foto 53 — Edifício da Estação dos CTT.

gatórios e os restantes 2 000 contos seriam empregues em obras em curso e a iniciar.

Pretendia-se urbanizar o olival, denominado «Zona Verde» e concluir o Viaduto. Contudo havia problemas que urgia resolver, tais como a criação de um Canil Municipal, expropriações de terrenos para o plano de urbanização que implicavam o pagamento de indemnização aos seus proprietários (cerca de 50 contos), iluminação de algumas artérias já abertas na Zona Verde e pavimentação das ruas D. João II, D. Nuno Álvares Pereira e Dr. António Luís Gomes<sup>(44)</sup>.

Pensava-se já na construção de uma Estação de Camionagem, no largo situado em frente à Estação dos Caminhos de Ferro.

A ampliação do edifício da Estação dos CTT (Foto 53) era muito importante devido ao aumento progressivo da Vila, bem como a ampliação do Cemitério.

Urgia igualmente proceder à construção de um edifício para o funcionamento do Ciclo Preparatório, pois a população escolar era cada vez mais elevada.

Nessa altura os entroncamentenses e os responsáveis pelo Município e Junta de Freguesia já se tinham apercebido da necessidade da criação de um Museu da Génese do Entroncamento que seria obviamente um Museu Ferroviário. Contudo, actualmente ainda não existe esse tão desejado Museu.

(44) Idem - pp. 29.

## CONCLUSÃO DA PRIMEIRA PARTE

... «A História do Entroncamento não é remota, nem nela há brasões que não sejam os do trabalho; ninguém conta histórias de lutas e conquistas, a não ser a do homem — num esforço laborioso de desbravar terreno para colocar sobre ele linhas paralelas "rails" que faíscam à distância, que se cruzam, que se dividem e partem para todos os recantos do País! Linhas que foram e continuarão a levar consigo o progresso uma vez que, enquanto a roda existir, o Caminho de Ferro jamais morrerá. E quando se fala no Caminho de Ferro, logo se fala em Entroncamento, porque sem ele — repetimos — ou antes, sem a C.P., o Entroncamento nunca hoje existiria».

«A HORA»

Jornal Ilustrado — Edição Especial do XXIII Aniversário do Concelho do Entroncamento

Santarém, 24 de Novembro 1968, pp. 28

II PARTE

**UMA VISÃO SINTETIZADA  
DO ENTRONCAMENTO ACTUAL**

## 1 — Evolução da População do Concelho

Nesta Vila, o ritmo de desenvolvimento tem sido, e continua a ser, muito acelerado. É o que podemos verificar através da análise dos dados demográficos, indicadores imediatos do progresso a todos os níveis, registados neste Concelho (Vide Anexos A, B e C).

Segundo dados estatísticos recolhidos no I.N.E., construí o seguinte quadro, referente ao ano de 1971 <sup>(45)</sup>.

*A População Total Residente neste Concelho em 1970, era de 9 195 habitantes <sup>(46)</sup>.*

CASAMENTOS						NADOS / VIVOS		FETOS MORTOS (28 e + Semanas)	ÓBITOS		EMIGRANTES
CELEBRADOS		DIS-SOLVIDOS		INTER-ROMPIDOS/SEPARAÇÃO	TOTAL	LEGÍTIMOS	TOTAL		COM - DE 1 ANO		
TOTAL	N/Ató l.	TOTAL	P/Ató l.					P/Ató l.			
64	12	36	36	-	-	108	5	3	72	1	15

<sup>(45)</sup> Instituto Nacional de Estatística. Estatísticas Demográficas Continente, Açores e Madeira, Lisboa, 1971 - pp. 7.

<sup>(46)</sup> Instituto Nacional de Estatística. 11.º Recenseamento da População - Estimativa a 20%, 1 Volume, Lisboa, Setembro de 1973 - pp. 59.



Da análise do quadro podemos constatar que a natalidade foi elevada e a mortalidade foi na ordem dos 72 indivíduos, tendo havido apenas um caso de mortalidade infantil. Estes números são por si só, elucidativos. Há boas condições de higiene, saneamento básico, abastecimento de água, um nível de vida mais ou menos elevado da população e sobretudo informação das novas tecnologias e dos métodos de vacinação que vão debelar doenças que até aqui eram letais.

Não se registaram dissoluções de casamentos, a não ser em caso de morte. Isto quer dizer que não houve divórcios neste ano.

No ano de 1981 a população total residente neste Concelho era de 11 976 habitantes<sup>(47)</sup>. Registaram-se 159 nascimentos, o que significa que há um aumento das taxas de natalidade, comparativamente com o ano de 1971. A população do Concelho pode ser considerada jovem. Morreram 111 indivíduos adultos e 4 crianças com menos de 1 ano. Estes dados relativos aos óbitos não significam que tenham de facto morrido 115 residentes do Entroncamento porque muitas pessoas de áreas limítrofes vinham para o hospital concelhio onde acabavam por morrer.

O número de casamentos não católicos (registados apenas no Cartório Notarial) neste espaço de tempo, aumentou de 12 para 24, o que significa que duplicou. Este facto poderá encontrar a sua explicação num maior afastamento das pessoas em relação à Igreja. Grande parte dos indivíduos que nasceram nos últimos anos não foram baptizados. Os pais aguardavam que os filhos tivessem idade suficiente para decidir se queriam ou não que se realizasse o baptismo cristão.

No que diz respeito à emigração, diminuiu na ordem dos 10 indivíduos. Este facto prende-se directamente com as modificações operadas no nosso país após Abril de 74, altura em que o operariado passou a usufruir de mais regalias.

Outros dados que consegui apurar no Registo Civil podem dar-nos uma visão global da evolução da população neste Concelho.

Os dados existentes no Registo Civil do Entroncamento datam de Novembro de 1947, altura da sua criação. Funcionou, tal como hoje, no edifício dos Paços do Concelho. Até 1947 todos os nascimentos, casamentos e óbitos eram registados no Registo Civil de Vila Nova da Barquinha.

## NASCIMENTOS, CASAMENTOS E ÓBITOS POR ANO

<u>A N O</u>	<u>NASCIMENTOS</u>	<u>CASAMENTOS</u>	<u>ÓBITOS</u>
1947	Só a partir de 19 Novembro	Só a partir de 10 Novembro	Só a partir de 7 Novembro
1948	87	47	48
1949	82	53	38
1950	104	65	51
1951	103	66	40
1952	93	44	48
1953	90	72	54
1954	99	55	53
1955	95	60	43
1956	113	36	65
1957	127	52	51
1958	122	55	57
1959	105	53	56
1960	112	35	70
1961	108	58	59
1962	116	49	62
1963	107	60	67
1964	102	55	68
1965	120	54	75
1966	98	46	55
1967	88	52	81
1968	122	47	58
1969	105	48	88
1970	104	50	77
1971	101	64	63
1972	112	46	71
1973	104	56	68
1974	128	60	68
1975	200	91	68
1976	150	91	72
1977	140	72	75
1978	109	63	71
1979	79	50	56
1980	58	54	76
1981	71	71	68
1982	82	75	82
1983	112	77	72
1984	126	60	107
1985	108 até Nov. <sup>o</sup>	63 até Nov. <sup>o</sup>	92 até Nov. <sup>o</sup>

<sup>(47)</sup> Instituto Nacional de Estatística. XII Recenseamento Geral da População - Distrito de Santarém, Lisboa, 1981 - pp. 3.

Os dados revelam-nos que até 1950 houve um aumento acentuado da natalidade e a partir daí manteve-se sensivelmente estável com ligeiras oscilações até à actualidade.

Excepção feita no ano de 1975 em que aparecem cerca de 200 indivíduos. Estes números não correspondem precisamente à realidade pois que resultam de uma consequência imediata do 25 de Abril de 1974. Muitos dos habitantes das ex-colónias portuguesas voltaram para Portugal e foram registados nos respectivos Registos Cíveis. É esta a explicação para uma subida acentuada verificada na natalidade durante este período. Contudo temos de ter em atenção que muitas mulheres preferiam ir ter os seus filhos à sua terra natal, perto dos seus parentes mais próximos, ou a cidades com melhores recursos, sendo os neo-nados registados nesses locais. O mesmo se passava com relação aos casamentos; muitos indivíduos casavam fora do Concelho, por razões de ordem diversa.

Quanto aos óbitos, verificam-se situações análogas. Se nos apercebermos de que grande parte dos indivíduos reformados voltam para a sua terra, irão, como é evidente, morrer lá. Temos que ter igualmente em consideração que muitas pessoas de outros Concelhos e áreas limítrofes vinham para o hospital concelhio onde morriam, sendo a ocorrência registada no Concelho do Entroncamento.

## 2 — A População em Idade Pré-Escolar e Escolar

Atentemos agora sobre a população Pré-Escolar e Escolar. Em 1985 existem, no ensino oficial Pré-Escolar, dois Jardins de Infância, um na Zona Norte e outro na Zona Sul. Têm ao todo 150 alunos e 6 lugares, cabendo a cada educadora 25 crianças.

No Ensino Pré-Escolar Particular há o Jardim-Escola João de Deus que funciona não só como creche, mas inclui também 17 alunos da primeira fase.

O Centro de Assistência Social Infantil é uma Instituição Paroquial, subsidiada pelo Centro Regional de Segurança Social. Está equipado de berçário, creche e infantário. Recebe crianças dos três meses aos 5 anos. Actualmente têm apenas 1 criança de seis meses, 5 de um ano, 4 dos dezoito aos vinte meses, 15 de dois anos, 22 de três anos, 24 de quatro anos e 24 de cinco anos.

Aqui trabalham três educadoras de infância sendo uma coordenadora de creche outra do jardim de infância. Existem quatro vigilantes bem como uma ajudante.

Este moderno edifício, inaugurado em Outubro de 1985, possui sete amplas salas; quatro destinadas à creche e três ao jardim de infância. Inclui ainda uma sala destinada à ocupação dos tempos livres para os alunos do Ensino Primário e uma sala de costura frequentada por raparigas e senhoras das mais variadas classes etárias.

O Ensino Especial é ministrado actualmente no edifício da primitiva Escola Camões. O C.E.R.E. (Centro de Ensino e Recuperação do Entroncamento) tem 57 alunos deficientes na primeira e segunda fase, distribuídos por seis professoras do Ensino Primário, auxiliadas por sete vigilantes.

Quanto às Escolas Primárias, que são quatro, têm uma numerosa população escolar. Desta forma a escola número Um é constituída por um moderno edifício P3 com 12 salas de aula anexado a um edifício construído em 1955 com uma sala. Aqui leccionam 13 professores (um para cada sala) havendo 327 alunos.

A Escola Primária número Dois que é classificada de tipo indefinido, possui 4 salas de aula, 5 professores e 131 alunos.

A Escola Primária número Três classificada de tipo urbano, possui 8 salas de aula mais 2 anexas, com um total de 250 alunos e 10 professores.

Finalmente a Escola Primária número Quatro que é classificada de tipo indefinido, possui 103 alunos e 4 professores.

Estas Escolas Primárias são todas camarárias, isto é, foram construídas a expensas da Câmara Municipal.

O Ciclo Preparatório funciona num edifício moderno, desde 1973. Foi construído pela Direcção Geral das Construções Escolares, a expensas do Estado, em terreno cedido pela Casa Sommer. Possui 34 salas de aula, 519 alunos e 41 professores.

A Escola Secundária Polivalente do Entroncamento começou a funcionar em 1977. Durante alguns anos o Ensino Secundário foi ministrado no edifício da Escola Camões até à conclusão da nova Escola, construída igualmente pela Direcção-Geral das Construções. Possui 2 400 alunos do 7.º ao 12.º anos de escolaridade e 141 professores.

Existe ainda, e muito recentemente, um Instituto de Língua Francesa e um outro de Língua Inglesa.

## ALUNOS E PROFESSORES POR TIPO DE ENSINO (1985)

	ALUNOS	PROFESSORES
Ensino Pré-Escolar (Oficial e Particular)	215	9
Ensino Especial	57	6
Ensino Primário	811	32
Ciclo Preparatório	519	41
Ensino Secundário	2 400	141
TOTAIS	4 002	229

Os alunos incluídos no Ensino obrigatório são unicamente os residentes neste Concelho.

A partir do 9.º ano de Escolaridade, a Escola Polivalente do Entroncamento

recebe alunos da Barquinha, Golegã, Praia do Ribatejo e Tancos, principalmente, pois nestes locais só existem Escolas que leccionam até ao 9.º ano de Escolaridade <sup>(48)</sup>.

### 3 — O Papel da Educação

Ao observarmos o mapa da página anterior, podemos inferir que a generalidade da população em idade escolar usufrui de um dos diferentes tipos de ensino, num total de 4002 alunos. Este número é concludente: a população jovem do Concelho está, de facto, a ser escolarizada. Os benefícios que daí advêm são inúmeros. O nível de instrução da população eleva-se gradualmente, para benefício dos próprios, da Vila e, em última instância, do país, pois este é já um dos concelhos mais alfabetizados de Portugal.

Ao investir na Educação, as famílias de hoje apostam e preparam o futuro dos seus filhos; as que o não fazem estão, em contrapartida, a hipotecá-lo.

Apesar deste quadro optimista, são muitos os jovens que a partir do Entroncamento seguem para as grandes cidades do litoral, principalmente Lisboa e Coimbra, para concluírem o seu percurso académico. É que essa realidade — O Ensino Superior — ainda não se assumiu no Concelho.

Felizmente são muitos os jovens que conseguem obter um grau académico de nível Superior. Claro está que o benefício será para os próprios, pois com mais instrução e fundamentalmente com maior preparação técnica, conseguem uma melhor colocação, melhor remuneração e elevam, como sabemos, o seu nível de vida.

O Concelho também beneficia com o facto de ter uma grande percentagem da população com cursos de grau Superior e felizmente a tendência é para aumentar.

Os jovens de hoje são mais esclarecidos, foram melhor elucidados e sabem que o mercado de trabalho está numa fase crítica. Se não tiverem formação adequada pior será porque, na nossa sociedade, tal como na Natureza, o que impera sempre é a **lei do mais forte**, do mais hábil, do mais capaz, à boa maneira da Selecção Natural, que pretere o mais fraco, o menos hábil, o menos capaz.

A problemática do Conflito de Gerações, enunciada pela Antropóloga Americana Margaret Mead faz-nos pensar que eles existem em todas as sociedades ditas desenvolvidas e esta não é, obviamente, uma excepção, como todos sabemos. Conflitos existem, ontem como hoje, embora actualmente se sintam de uma forma menos "camuflada". Senão vejamos: os mais jovens já estão mais desligados da sua terra natal. Dela só têm a recordação das "férias grandes". Nasceram e cresceram neste meio. Foi aqui que cresceram, aprenderam a ler, que se tornaram conscientes do seu papel social. Aqui arran-

<sup>(48)</sup> Dados fornecidos pela Direcção Escolar do Entroncamento, Escola Secundária Polivalente do Entroncamento, Ciclo Preparatório do Entroncamento e Centro Social Infantil do Entroncamento.

jaram amigos, enfim, estabeleceram a sua teia de relações sociais essencial para quem vive em sociedade.

Há, assim, uma ruptura entre a nova geração, mais susceptível de acatar inovações, e a geração dos seus pais, sempre buscando, embora que por vezes fortuitamente, um refúgio no passado, nas recordações. É disto prova evidente o regresso definitivo à terra natal após atingirem a reforma. Mas os filhos ficam.

A Instrução, o Ensino, vieram trazer novos contributos à nova geração. Encaram a vida de uma forma diferente. Aceitam sem temor o desafio, o chamamento para as grandes cidades.

O Entroncamento funciona, para alguns destes jovens, como trampolim para a Capital e daqui para outras partes do Mundo.

### 4 — Uma Terra em Franco-Progresso — Os Anos 80.

A outros níveis o progresso também foi a palavra de ordem.

As obras realizadas pela Câmara são bastante numerosas.

Desta forma procederam à abertura de novas ruas e respectiva pavimentação. Podemos destacar, entre outras o prolongamento da Rua da Caridade, da Rua da Fé, da Rua da Esperança, bem como a ligação entre si. Pavimentação da Rua D. Pedro V, Rua Sozzi, alargamento da Rua D. Afonso Henriques. Procedeu-se à abertura dos arruamentos do Bairro Social Ferroviário da Cofepor, bem como a abertura da Rua dos Bombeiros, alargamento da Rua Egas Moniz, abertura da Rua do Casal Melão, pavimentação das estradas Municipais número 1 161 e 573 e muitas outras. Abertura e alargamentos de ruas também na Zona Norte. O Viaduto Eugénio Dias Poitout foi inaugurado em Outubro de 1969 <sup>(49)</sup>.

Em Abril de 1978 concluíram-se 36 fogos de habitação, de casas Pré-Fabricadas. Estas casas, situadas no prolongamento da Rua Coronel Estrela Teriaga, são do Tipo T2, T3 e T4. Têm entre duas a quatro divisões, alcatifadas, com casa de banho, água canalizada e luz eléctrica. As casas de Tipo T4 têm duas casas de banho. Estas habitações possuem um pequeno jardim que as separa da rua, bem como um quintal. São casas geminadas.

Em 1980 concluiu-se a construção dos Blocos A, B, C, com 36 fogos, construídos pela Câmara na Rua Eng.º Viana de Lemos, destinados a venda.

Três anos mais tarde a Câmara concluiu mais um grupo de habitações, os Blocos D, E, F, igualmente destinados a venda. Procedeu aos respectivos arruamentos desta urbanização. Estes Bairros Camarários localizam-se na Zona Norte, que é a área de expansão do Concelho, digamos, a parte nova, pois na Zona Sul, o espaço começa a rarear e os preços dos terrenos são, por consequência, extremamente elevados.

Em Maio de 1983 foi inaugurado o «Mercado Novo» do Entroncamento (Foto 54). Mercado diário que urgia ser construído já que o primitivo se tornava demasiado

<sup>(49)</sup> Informações fornecidas pela Câmara Municipal do Entroncamento.



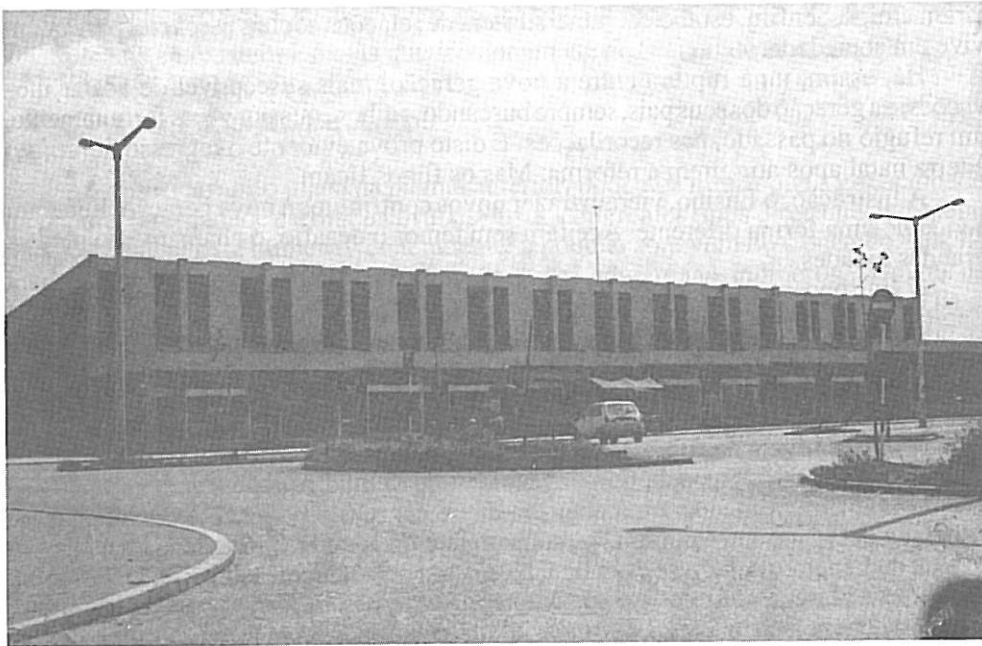


Foto 54 — Mercado Novo.

pequeno para as necessidades da população local. Desta forma construiu-se um amplo edifício composto por várias secções — Mercado de Peixe, Mercado Hortícola, Talhos, Venda de Pão, Flores, etc.

Na parte exterior existem cafés, pequenas lojas, mercearias, churrascarias, pastelarias, etc.

O Mercado Velho continua como estava. Inalterável. Há que proceder a obras de remodelação com o fim de adaptar a Centro Cultural, uma vez que ele, por si só, faz parte do Património Artístico e Cultural desta Vila.

Outra obra Camarária de grande relevo diz respeito à construção ainda em curso de um Complexo Recreativo com áreas para Campismo, Desporto e Lazer — O BONITO (Foto 55). Inicialmente existia uma fonte (a fonte do Bonito) cujas águas se juntavam às de um ribeiro que passava próximo. Neste Vale, e aproveitando o desnivelamento do terreno, a Câmara construiu uma Barragem, plantou árvores, ajardinou áreas limítrofes, construiu um parque de merendas, dois sanitários, um para homens e outro para mulheres, fez um Circuito de manutenção, um parque de Escutismo e está a proceder à construção de Piscinas (Foto 56). Está igualmente planeada a construção de uma Estalagem e de vários Courts de Ténis na Zona do Bonito.

Existe no Entroncamento uma bela Zona Verde, o Jardim da Zona Verde, construído igualmente pela Câmara Municipal e concluído em 1982 (Foto 57).

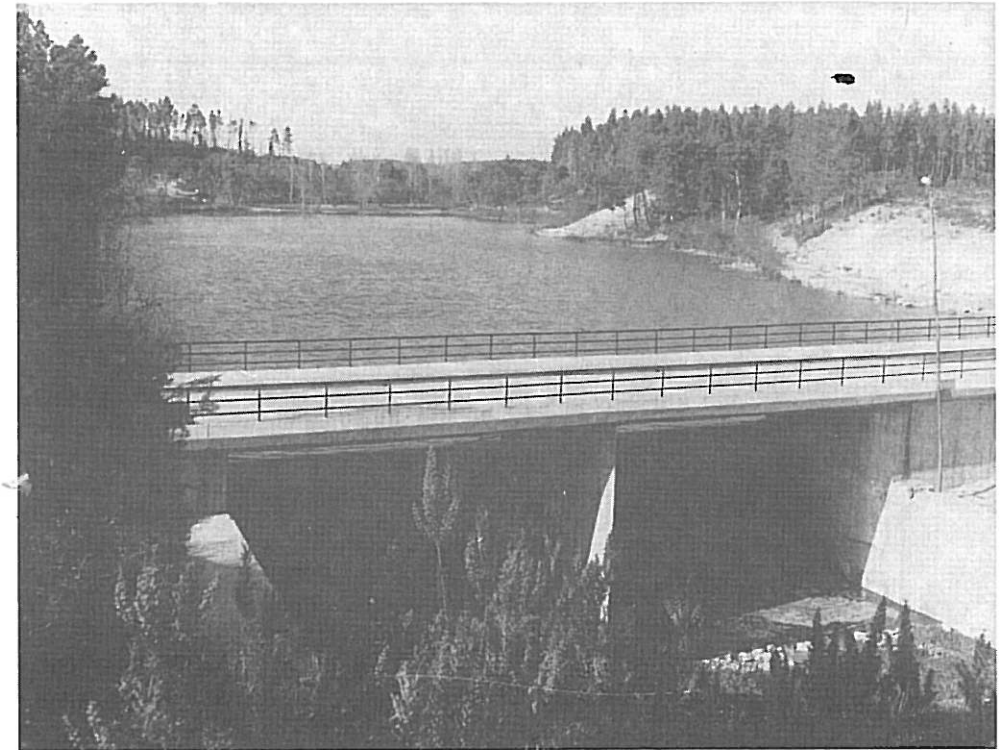


Foto 55 — Barragem do «Bonito».

No Bairro da Liberdade, após o 25 de Abril de 1974, uma comissão de moradores construiu um pequeno parque infantil, em terreno cedido pela Câmara. Esta edilidade colocou ao dispor dos moradores material necessário para a referida obra. O Entroncamento passou a ter dois parques infantis. Um na Zona Sul, no Jardim-Parque Dr. José Pereira Caldas, e o da Zona Norte, no Bairro da Liberdade.

No Edifício dos Paços do Concelho estavam instaladas diversas Repartições, tais como a Secção de Finanças e a Tesouraria da Fazenda Pública. Nas traseiras do Edifício havia o Quartel dos Bombeiros Voluntários e numa entrada lateral, à direita do Edifício, o Grupo N.º 84 dos Escoteiros de Portugal.

Os Bombeiros Voluntários do Entroncamento construíram instalações próprias e mudaram o seu aquartelamento nos anos 80, procedendo actualmente a obras de ampliação contando, como é evidente, com a ajuda da população local, através da realização de bailes e cortejos de oferendas.

Situação análoga ocorreu com relação à Secção de Finanças e à Tesouraria da Fazenda Pública que, pela falta de espaço, devido às já acanhadas instalações adquiriu,



Foto 56 — As Piscinas Municipais em fase de construção.

por 19 800 contos, edifício próprio, na Avenida Dr. José Duarte Victor das Neves (Avenida da Estação) <sup>(50)</sup>.

Existia já nos anos 60 um campo de Jogos Municipal, onde se praticavam as modalidades de futebol e basquetebol. Actualmente construiu-se um Court de Tênis, balneários, novas bancadas e procedeu-se ao arranjo do campo.

A Câmara possui na Zona Norte (Estrada Nacional que liga esta Vila à Cidade de Torres Novas) uma Zona Industrial ainda em construção. As obras em curso dizem respeito, principalmente nesta fase inicial, à abertura de arruamentos.

Procedeu-se às obras referentes ao saneamento básico, com as quais foi gasta a quantia de 40 000 contos em 1984! <sup>(51)</sup>

A salientar igualmente a urbanização do Olival, bem como a urbanização da Galharda.

<sup>(50)</sup> Idem.

<sup>(51)</sup> Idem.



Foto 57 — Jardim da Zona Verde.

A urbanização do Casal Saldanha foi executada por particulares (Fernando Branco, Brális e António Gonçalves).

Estas novas urbanizações estão todas localizadas na Zona Norte, área de expansão do Concelho, como, aliás, já referi.

No ano transacto a Câmara procedeu à execução de dois furos de captação de água, o Ac3 e o Ac5 e um reservatório de águas na Zona Norte, para abastecimento às novas habitações <sup>(52)</sup>.

Um ponto a salientar: Nesta Vila só é autorizada a construção de imóveis com 3 pisos. Excepção feita ao Centro de Formação da CP, complexo muito importante, concluído nos anos 70 e a que já fiz referência em páginas anteriores (Foto 58).

A Santa Casa da Misericórdia subsidiou a construção dum edifício para o Lar da

<sup>(52)</sup> Idem.



Foto 58 — Um dos edifícios do Centro de Formação da C.P. «A CIDADE FERROVIÁRIA».

Terceira Idade. A protecção a indigentes passou a ser assegurada pela paróquia, com alimentos fornecidos pela Companhia Divisionária da Manutenção Militar.

No Edifício que foi Casa de Protecção de Indigentes funciona actualmente o aquartelamento do Grupo n.º 84 dos Escoteiros e a Associação Filarmónica e Cultural do Entroncamento.

A Câmara Municipal está a construir um imóvel, na praça do município, junto ao Mercado Antigo, destinado à nova Biblioteca, Junta de Freguesia e Delegação Escolar <sup>(53)</sup> (Foto 59).

Para suprimir a falta de habitação a Coferpor - Cooperativa de Habitação Económica dos Ferroviários de Portugal — levou a efeito, nos anos 70, a construção de vários imóveis destinados a venda, que albergam algumas centenas de famílias. Está localizada na Zona Sul, em frente ao edifício onde funciona o Ciclo Preparatório.

Devido ao grande surto de construção civil nos anos 80, podemos dizer que actualmente não há crise de habitação no Entroncamento. Pelo contrário. Há algumas centenas de casas (apartamentos) concluídas e por habitar devido aos elevados preços dos andares, às elevadas taxas de juro e também, para os que não pretendem adquirir casa própria, as rendas são elevadas (na ordem dos 18 a 25 000\$00 mensais).

<sup>(53)</sup> Idem.



Foto 59 — Novo edifício da Biblioteca, Junta de Freguesia e Delegação Escolar.

No que diz respeito à Indústria também houve alterações significativas. Algumas deixaram de existir, como foi o caso da SONORTE, que tendo falido no Entroncamento, prosseguiu a sua actividade no Porto. Também a COMPAL mudou as suas instalações para Almeirim, por motivos que nos transcendem.

Algumas fábricas, como a Fábrica de Malhas Ilda, José Marques Agostinho, Filhos e C.ª, João Henriques e Sociedade de Construções Valura, existentes no Entroncamento há bastante tempo, continuam com as suas portas abertas, dando trabalho a muitos indivíduos, colocando os seus produtos nos mercados nacionais e estrangeiros.

Porém, novas grandes indústrias floresceram no Entroncamento, nas últimas décadas. Destas, cito a Soladrilho, fábrica de ladrilhos, tijoleira, etc., da mais avançada tecnologia alemã, que fabrica artigos para o mercado nacional e para o exterior; a firma Silvério & Melro, Ld.ª que também aqui se instalou; a Indústria e Comércio de Produtos Alimentares de António da Silva & Filho, Ld.ª que está equipada para torrefacção de amendoins, café e cevada, possuindo ainda uma fábrica de Vinagre; a Sociedade de



Serralharia Civil Francisco Cardoso Júnior & Filhos; a Cerâmica da Cascalheira; várias oficinas de reparação de automóveis e muitas outras pequenas indústrias que igualmente desempenham um papel muito importante para a economia deste Concelho.

O sector terciário tem também bastante representatividade. Assim, os entroncamentenses podem contar com 6 supermercados de Albano Mateus, Ld.<sup>ª</sup>, a firma Eduardo de Oliveira, que se dedica à venda de materiais de construção; os Jerónimos; stands de automóveis da Toyota, da Renault e mais dois de carros usados; a firma Ezequiel Martins, um Centro Comercial com várias lojas, pastelarias, geladaria, cabeleireiro, sapateiro, etc.; casas de venda de acessórios para automóveis; drogarias; retrosarias; prontos-a-vestir; sapatarias e muitos outros estabelecimentos comerciais.

Existem vinte e sete casas de pasto e cafés, pastelarias e, claro está, algumas tabernas.

Nesta Vila há também uma Transportadora Rodoviária de Mercadorias e uma praça de Táxis junto à Estação dos Caminhos de Ferro.

No campo da saúde surgiram vários consultórios médicos, centros de saúde e mais uma Farmácia (num total de três — duas na Zona Sul e uma na Zona Norte). O Hospital concelhio tem um serviço de atendimento a casos urgentes todos os dias úteis após as 20 horas e em dias feriados, sábados e domingos durante as 24 horas. Há ainda 2 centros de fisioterapia.

Existem actualmente duas instituições bancárias: o Banco Pinto & Sotto Mayor e a Caixa Geral de Depósitos, instalados em edifícios modernos.

Os órgãos de informação locais são «O Entroncamento», quinzenário regional; o «Notícias de Entroncamento», semanário; o Rádio Clube do Entroncamento; e a Rádio Voz do Entroncamento.

No campo das associações culturais e recreativas há, para além das citadas anteriormente, o Grupo Recreativo do Casal do Grilo; o Clube de Amadores de Pesca do Entroncamento; o Clube de Badmington do Entroncamento; a Associação Filarmónica e Cultural; a Associação de Patinagem do Ribatejo, com sede nesta Vila; a Associação de Judo do Distrito de Santarém; o C.A.D.E. — Clube de Amadores de Desportos do Entroncamento; o Núcleo de Cicloturismo do Entroncamento e finalmente a Associação Cultural Lusitana.

A C.P. concretizou, nos anos 70, a construção da sua «Cidade Ferroviária» e os quartéis e demais instituições militares aumentaram os seus quadros, desde a década de 60.

Eis uma Terra em franco progresso.

## 5 — Surto Migratório e Fixação da População

Com a Revolução Industrial e conseqüente revolução dos transportes, nomeadamente a descoberta da máquina a vapor, o panorama mundial é alterado. Embora tardiamente, em pleno século vinte, começam a notar-se, efectivamente, os efeitos da industrialização no Entroncamento.

A instalação das linhas férreas e de um entroncamento ferroviário faz surgir esta Vila, mas só na década de 40 (conforme se pode constatar no mapa Anexo A) se verifica um aumento espectacular da população. Desta forma, a população passa de 3 794 indivíduos em 1930 para 6 515 em 1940. Em apenas dez anos a população quase duplicou.

Como é sabido, grande parte da população rural estava temporariamente ocupada. No Inverno cessavam as práticas agrícolas, o que originava uma diminuição dos rendimentos, nomeadamente do pessoal assalariado, provocando fomes, descontentamento, crises graves, conflitos sociais que embora pontuais eram bastante significativos. Com a abertura de novas fábricas que ofereciam menos horas de trabalho diário e melhores remunerações, as pessoas começaram, primeiro lentamente (séc. XIX) e depois em massa a abandonar os campos e a procurar os centros industriais. O Entroncamento funcionou assim como um pólo de atracção da população, uma vez que se instalavam oficinas de manutenção e reparação de material circulante, e era necessária muita mão de obra.

Aquando da instalação dos Caminhos de Ferro, os pioneiros do Entroncamento foram essencialmente estrangeiros, nomeadamente espanhóis, franceses e ingleses. Posteriormente começaram a surgir, com mais frequência, nacionais das mais diversas regiões, mas desde sempre os alentejanos e os beirões foram os que migraram mais para este Concelho.

Um outro pólo de atracção muito importante foi, sem dúvida, o complexo de unidades militares instalado nesta área, devido ao facto de ser um local estratégico e de fácil acesso a todas as zonas do País. Estas unidades também empregavam civis que, para além dos militares, se foram instalando progressivamente, contribuindo desta forma para o aumento da população.

## 6 — Trabalho e Adaptação

Operou-se uma mudança radical na vida dos indivíduos que iam chegando ao Entroncamento. Primeiro os homens abandonavam as aldeias, e assim que possível as suas famílias instalavam-se neste local.

A mulher teve desde sempre um papel muito importante na medida em que incentivava e apoiava moralmente o marido nesta sua forma de vida. Do contacto com outras mulheres, surgiam amizades e fortes laços se estabeleciam. Os filhos eram uma preocupação constante. Foi esse, essencialmente, o motivo da sua mudança de vida, da saída do campo e da vinda para a indústria, pois acreditavam num futuro melhor para si, mas essencialmente para os seus descendentes. Dar-lhes melhor nível de vida, mais instrução, uma nova cultura, fazê-los evoluir e não viver no letargo nostálgico duma aldeia perdida, algures, por esse país fora.

Contudo o apego à terra continuava a ser uma constante. Era extremamente difícil uma adaptação total e completa, a partir dum corte tão radical nas suas vidas. Desta forma, a ida à terra sempre que possível era motivo de alegria e euforia. Os traba-

lhadores da Companhia dos Caminhos de Ferro tinham deslocações gratuitas e os seus familiares usufruíam de grandes reduções nos transportes ferroviários. Por este motivo as idas à aldeia natal ao fim de semana eram uma constante, pelo menos inicialmente. Na aldeia tinham ficado essencialmente os velhos que cultivavam algo para dar aos filhos. Este também constituía um motivo de deslocação.

Lentamente, as pessoas foram-se adaptando a viver num novo meio. É de salientar que, conforme referi na primeira parte, grande número das casas construídas nos anos 30 tinham jardim e quintal. Ora o quintal iria de facto ajudar a passar os tempos livres e iria com certeza suprir, mesmo que minimamente, a carência e o apego à terra. Por outro lado os mais idosos, nas aldeias, iam morrendo. Faziam-se partilhas. As famílias já não se juntavam com tanta frequência. Começou assim a verificar-se um menor interesse na procura das suas raízes. Os familiares mais íntimos tinham morrido. O que iam fazer à aldeia? A desagregação estabelece-se. Contudo, este facto não é generalizado, pois apesar da divisão das heranças, ainda há pessoas que vão à terra cultivar os produtos ao fim de semana ou colher a azeitona ou fazer qualquer outro trabalho lucrativo. Muitas há, que regressam à sua aldeia após atingirem a reforma.

Das idas constantes e assíduas à aldeia natal, estas passaram a ser mais esporádicas, periódicas: em alturas de festas populares, romarias, no Natal, no Dia de Todos-os-Santos.

Estava operada a transição. O desenraizamento nunca foi total nem completo. Persistem sempre reminiscências do passado. Não se trata, também, de adquirir uma nova cultura, portanto dum processo de aculturação ou de endoculturação, mas antes de mais, de um abdicar de alguns aspectos da sua própria cultura em prol daquilo a que o homem chama Civilização e Progresso.

## 7 — O Papel da Mulher

Com o advento do Caminho de Ferro, foram homens que inicialmente vieram e se instalaram em barracas de lona. Mas os que pretendiam ficar tentaram, desde logo, arranjar uma habitação condigna para poderem chamar a família para junto de si.

Nos primórdios do Entroncamento, quando a localidade estava ainda na sua fase mais inicial, as famílias residentes viviam quase exclusivamente em casas de adobe, de que são, aliás, as construções mais antigas das "Vaginhas".

As mulheres que aí viviam tinham uma origem humilde. A maior parte eram assalariadas agrícolas que trabalhavam, ombro a ombro com o homem (nas Quintas da Cardiga e Ponte da Pedra), cavando a terra, adubando, ceifando, para juntos ganharem o seu pão.

No pequeno aglomerado que se formou junto à linha férrea, onde grande parte das construções eram originariamente de madeira, as mulheres desempenhavam ainda outras tarefas, nomeadamente as mais modestas que, sendo lavadeiras, aguadeiras e empregadas domésticas, asseguravam, à sua maneira, um rendimento suplementar à economia doméstica que, sendo parca, importava a todo o custo implementar.

No entanto e, conforme estudos doutras regiões sobre este assunto, o trabalho da

mulher não era tão considerado como o do homem. Contudo, ela trabalhava mais do que ele. Se nos apercebermos, por exemplo, do quotidiano da mulher camponesa deste tempo a que me reporto, facilmente compreendemos que tinha uma vida contínuante e o seu trabalho era pouco valorizado pela marido e pela comunidade. Assim, levantava-se ainda o sol não tinha nascido, acendia o lume, preparava o almoço para levar para o campo e ia tratar dos animais domésticos — "a criação". Posto isto, dava a primeira refeição do dia ao marido e aos filhos e partiam para o campo. Por volta do meio dia, cansados, paravam para almoçar e descansar um pouco. Voltavam ao trabalho até ao pôr do sol. De regresso a casa punha a ceia ao lume e ia tratando da roupa. Ceavam, arrumava a cozinha, simultaneamente casa de jantar, e só depois terminava o seu dia de trabalho.

Ao longo do tempo vieram para esta terra mais pessoas, com possibilidades económicas diferentes, pois eram remuneradas consoante o trabalho que desempenhavam. Surgem então as «mulheres-donas-de-casa» que tinham a seu cargo todo o serviço doméstico e a educação dos filhos. As que tinham melhores condições de vida conseguiam pagar a uma ou várias criadas. Era o caso das mulheres dos militares, chefes de estação, maquinistas, fogueiros e factores que tinham de facto uma "posição social" mais elevada no meio necessariamente operário que pelo Entroncamento e à sua volta se desenvolvia.

Permito-me então distinguir três tipos de mulheres: as camponesas (lavadeiras, aguadeiras, criadas de servir), as donas de casa e as senhoras abastadas.

Todas elas tinham um papel importante na sociedade a que me reporto, porquanto desempenhavam papéis sociais diversos, na diversidade da estratificação social existente, que se assumia como evidente, nomeadamente em alturas festivas, como nas Festas de São João ou de Santo António que festejadas nas ruas e pela simples disputa da fogueira mais alta ou animação mais audível, servia, inclusivamente de base à sustentação do diferencial social que algumas pessoas se esforçavam por manifestar e até acentuar.

Sintomático desta posição eram os próprios bailes populares que, separando classes, acabavam por ser um convite ao quebrar da regra e tentar encontrar um estatuto social, de preferência mais elevado; o respectivo par ou parceiro que de alguma forma assumisse como que a passagem para um futuro mais risonho. Um bom partido acabava por ser um dos filhos ou filhas das famílias cujas cabeças de casal tivessem uma das profissões que anteriormente referi.

Na teia de relações sociais, a qualquer nível, a mulher ocupou sempre um papel subalterno em relação ao homem. Contudo, as filhas estudaram. Foram para Tomar ou Santarém. Saíram deste horizonte mais ou menos fechado que as circunscrevia e condicionava a uma condição melhor ou pior, ditada pelo casamento.

Surgem então as primeiras professoras do Ensino Primário; as primeiras enfermeiras. O professor-mestre escola foi sendo substituído por estas raparigas cheias de

energia e vitalidade. As enfermeiras também eram bem recebidas, porque necessárias.

Estava dado o primeiro salto. Pela primeira vez a mulher desempenhava funções primordiais e manifestamente essenciais à normalização em termos de funcionamento de uma vila moderna e de facto em vias de desenvolvimento. A desconfiança inicial transformara-se vagarosa e irremediavelmente numa aceitação inequívoca da mulher enquanto parceiro social. É que esta já não era apenas a criada, a lavadeira, a cozinheira, a contínua, a balconista.

Lenta e gradualmente foi ocupando lugares de maior destaque. Algumas com melhores condições económicas foram estudar para Lisboa ou Coimbra. Tiraram cursos superiores até então quase exclusivos do homem e passaram a ser bem vindas por todos, apesar da sociedade Entroncamentense ser demarcadamente patrilinear.

Houve aqui também um contributo do caminho de ferro — encruzilhada que não permitia a esta comunidade um isolamento e um fechar-se sobre si própria, como acontece a muitas terras do interior do nosso país.

Volvidos alguns anos, há já bastantes mulheres a ocupar lugares de destaque na comunidade. Surgem na direcção das Escolas, do Lar da Terceira Idade (embora o Provedor seja um homem), como Directoras Técnicas de duas das três farmácias existentes, a chefiar a Delegação dos C.T.T. e os Serviços Administrativos da Câmara Municipal do Entroncamento. É também uma mulher que ocupa o cargo de Presidente da Junta de Freguesia.

Se associarmos o Ensino, assegurado por muitas mulheres (aqui estão em maioria) e o sector da Saúde (há mais enfermeiras que enfermeiros, embora menos médicas do que médicos), se contabilizarmos ainda e relacionarmos a emergente actividade comercial e mesmo empresarial com um número cada vez maior de mulheres, então não restarão dúvidas que a situação mudou definitivamente. É este o apanágio dos tempos modernos. Atrevo-me mesmo a dizer que a mulher conquistou definitivamente o seu lugar na sociedade que temos e desejamos ainda melhorar. Que esta terra que é também a nossa, e essencialmente no passado mais recente, o contributo da mulher para a realidade que temos, não pode nem deve ser menosprezado. Sinal dos tempos que, na sua dinâmica inexorável de vontades, vão criando sociedades mais equitativas e por isso menos permeáveis às vontades mais tradicionais que caracterizam as comunidades dos nossos ancestrais.

## 8 — Pólos de fixação locais com características e culturas próprias

No Entroncamento, como foi dito, existe uma profunda heterogeneidade cultural. Desta forma, as pessoas que nasceram no núcleo inicial — no lugar das Vaginhas — ou que são descendentes directos desses indivíduos sentem-se, obviamente, mais entroncamentenses que os demais.

Contudo, aquando da fixação da população, as pessoas tentaram sempre uma

aproximação com os seus conterrâneos, o que me parece perfeitamente lógico e aceitável. Assim vão-se formando núcleos de indivíduos provenientes do Alentejo, com maior representatividade na Zona Sul e os restantes mais para a parte Norte. Com o evoluir do tempo esta diferença é nítida já que a Zona de expansão, por excelência, é a parte Norte, onde convergem indivíduos das mais diversas proveniências.

Aqueles que, embora residindo na Zona Sul, não puderam adquirir habitação própria, tiveram que se sujeitar às habitações sociais, onde se vão agrupar indivíduos das mais variadas origens.

Contudo, as mulheres nas idas às compras, nas visitas, nos passeios, procuravam sempre a companhia duma conterrânea, até para ter notícias do que se passava na sua aldeia.

Com os homens passava-se o mesmo. No café, no trabalho, no campo de futebol, juntavam-se, numa tentativa de procura e continuidade das suas origens.

É neste sentido que as colectividades irão desempenhar um papel congregador. Congregar mas não separando por regiões de origem, antes porém, congregar na verdadeira acepção da palavra. Estabelecer novos laços entre todas as pessoas, criar amizades, procurar pontos comuns na sua cultura e valorizá-los, unindo-os.



## CONCLUSÃO

O trabalho monográfico que me propus realizar sobre a Vila do Entroncamento é, ainda, para mim, uma obra inacabada. Gostaria de encetar uma abordagem antropológica mais aprofundada, reportando-me a situações, ou melhor, a traços culturais bem característicos desta localidade que, não obstante o facto de ser heterogénea do ponto de vista cultural, tem uma cultura própria, diferente das outras culturas. Assim, gostaria de executar um trabalho de campo, estudar não apenas as instituições e modo de vida das populações, mas acima de tudo, os seus mitos, o seu folclore, os seus momentos lúdicos; os jogos tradicionais, a dança, cerimónias religiosas, ritos de passagem, os rituais que envolvem o nascimento, o casamento e a morte, bem como muitos outros aspectos que nos dão conta da cultura de um grupo humano e que, simplesmente por falta de tempo, não me foi possível realizar. Contudo, não deixo de reafirmar que sinto essa lacuna e que a tentarei suprimir se para isso houver estímulo e vontade.

Não posso terminar sem deixar expresso o meu agradecimento a todos os que me auxiliaram no presente trabalho que teve como finalidade a conclusão dos meus estudos universitários.

Assim sendo, deixo expressa a minha gratidão à Câmara Municipal do Entroncamento, na pessoa da Sr.<sup>ª</sup> D. Júlia Pimenta, digníssima Chefe de Secretaria daquela edilidade; ao Sr. João Semedo do Rosário, da Comissão de Estudos do Museu Ferroviário, que não só me forneceu dados importantes como também material fotográfico; ao Dr. Viegas Tavares, docente da Universidade Nova de Lisboa; aos Drs. Henrique Leal, Ludovico Rosa e Francisco Matos que colocaram ao meu dispor a sua monografia sobre História de Arte, de onde retirei, com autorização da Câmara Municipal da Barquinha, material fotográfico para ilustrar o meu trabalho; à Sr.<sup>ª</sup> D. Maria Fernanda M. S. Esperança e ao Sr. João Simões Esperança, bem como a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, tornaram possível a realização desta monografia.

Dezembro de 1985.

## ANEXOS

## ANEXO 1

### População escolar do concelho (último recenseamento)

Freguesias	N.º de prédios	N.º de professores	Alunos	Alunas
Atalaia	2	4	71	69
<b>Entroncamento</b>	<b>6</b>	<b>13</b>	<b>487</b>	<b>490</b>
Praia do Ribatejo	6	6	116	115
Tancos	1	1	12	13
Vila Nova da Barquinha	2	3	62	57
			748	744

### Percentagens

	Alunos	Alunas
<b>Entroncamento</b> .....	<b>65,10%</b>	<b>65,86%</b>
Vila Nova da Barquinha .....	8,28%	7,66%

### População do concelho, segundo o último Censo 1940

Freguesias	Habitantes
Atalaia .....	1.818
<b>Entroncamento</b> .....	<b>8.300</b> (1944)
Praia do Ribatejo .....	3.072
Tancos .....	350
Vila Nova da Barquinha .....	1.266
	14.806

### Percentagens por habitantes

<b>Entroncamento</b> .....	<b>56,58%</b>
Vila Nova da Barquinha .....	8,55%

«Relembrando», obra citada pp. 23.

## ANEXO 2

### Recenseamento eleitoral de 1944 Totalidade de eleitores dos dois recenseamentos

#### Juntas de Freguesia e Poder Legislativo

Freguesias	N.º de eleitores
Atalaia .....	523
<b>Entroncamento</b> .....	<b>2.210</b>
Praia do Ribatejo .....	921
Tancos .....	109
Vila Nova da Barquinha .....	474
	4.237

### Percentagens por habitantes

<b>Entroncamento</b> .....	<b>52,15%</b>
Vila Nova da Barquinha .....	11,18%

A freguesia do Entroncamento tem por si só mais eleitores que o resto do concelho.

«Relembrando», obra citada pp. 24.



### ANEXO 3

#### Imposto de prestação de trabalho

Ano de 1939

Freguesias	N.º de contribuintes	Receitas
Atalaia .....	449	4.556\$10
<b>Entroncamento .....</b>	<b>1.881</b>	<b>14.909\$60</b>
Praia do Ribatejo .....	661	6.115\$30
Tancos .....	111	942\$60
Vila Nova da Barquinha .....	320	2.966\$20
		29.489\$80

#### Percentagens

<b>Entroncamento .....</b>	<b>50,5%</b>
Vila Nova da Barquinha .....	10,05%

Ano de 1940

Freguesias	N.º de contribuintes	Receitas
Atalaia .....	498	4.916\$40
<b>Entroncamento .....</b>	<b>1.530</b>	<b>12.655\$00</b>
Praia do Ribatejo .....	644	5.926\$70
Tancos .....	91	812\$20
Vila Nova da Barquinha .....	307	2.939\$70
		27.230\$00

#### Percentagens

<b>Entroncamento .....</b>	<b>46,4%</b>
Vila Nova da Barquinha .....	10,07%

«Relembrando», obra citada pp. 22.

### ANEXO A

#### EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO NO CONCELHO DO ENTRONCAMENTO

ANOS	POPULAÇÃO DE FACTO	POPULAÇÃO RESIDENTE	TEMPORARIAMENTE AUSENTES
1930	3 794	3 800	6 <sup>(54)</sup>
1940	6 515	6 577	62 <sup>(55)</sup>
1950	6 705	6 804	99 <sup>(56)</sup>
1960	7 355	7 504	149 <sup>(57)</sup>
1970	9 005	9 195	190 <sup>(58)</sup>
1981	11 976	12 338	362 <sup>(59)</sup>
1984	* 12 566	--	--

\* Dados fornecidos pela Junta de Freguesia.

Através deste quadro podemos verificar que houve um aumento sempre gradual da população deste Concelho. Dos anos 30 aos anos 40, a população quase duplicou. Na década 50/60 houve um pequeno aumento populacional, mas nas décadas seguintes volta a haver um aumento acentuado até à actualidade, devido à crise rural que se começou a agudizar nos anos 60.

O Entroncamento cresce. A sua população aumenta, à custa dum progressivo «esvaziamento» dos campos — O Êxodo Rural.

<sup>(54)</sup> 1930 - I.N.E. - 7.º Recenseamento Geral da População. Lisboa, 1933 - pp. 160/161.

<sup>(55)</sup> 1940 - I.N.E. - 8.º Recenseamento Geral da População. Lisboa, 1940, XV Volume - pp. 26/27.

<sup>(56)</sup> 1950 - I.N.E. - 9.º Recenseamento Geral da População. Lisboa, 1950, Tomo I - pp. 198/199.

<sup>(57)</sup> 1960 - I.N.E. - 10.º Recenseamento Geral da População. Lisboa, 1960, Tomo II - pp. 152/153.

<sup>(58)</sup> 1970 - I.N.E. - 11.º Recenseamento Geral da População. Estimativa a 20%. Lisboa, 1973, I Volume - pp. 72/73.

<sup>(59)</sup> 1981 - I.N.E. - 12.º Recenseamento Geral da População. Distrito de Santarém, Lisboa, 1981 - pp. 3.

É evidente que esta Vila se está a transformar também, lentamente, num «dormitório» de pessoas que trabalham fora, nomeadamente em Lisboa. Este facto origina deslocações diárias, de grandes massas humanas, o que, como é evidente, tem as suas desvantagens. Estes movimentos pendulares (Movimentos de Navetti) redundam numa enorme perda de tempo nos transportes públicos, esperas morosas, cansaço constante, stress.

Segundo dados recolhidos na C.P., constatei que, para além dos passes sociais de estudantes, para além dos funcionários da Empresa, passaram-se, mensalmente, algumas centenas de passes apenas para Lisboa. Mas, as pessoas não se deslocam unicamente de comboio. Há inúmeros indivíduos que, embora residindo no Entroncamento, não têm nesta Vila o seu local de trabalho e alguns há até que estão temporariamente ausentes, regressando apenas aos fins-de-semana ou em épocas festivas.

Da análise do Anexo A podemos ainda constatar que o número de pessoa temporariamente ausentes têm vindo a aumentar, passando de 6 em 1930 para 362 em 1981! Os dados são bastante elucidativos.

## ANEXO B

### ESTADO CIVIL DA POPULAÇÃO

ANOS	SOLTEIROS		CASADOS		VIÚVOS		DIVORCIADOS		
	H	M	H	M	H	M	H	M	
1930	1138	993	773	719	29	135	4	3	( <sup>54</sup> )
1940	1984	1628	1313	1244	70	248	18	10	( <sup>55</sup> )
1950	1630	1548	1560	1557	69	208	21	12	( <sup>56</sup> )
1960	1450	1491	1986	1998	60	344	12	14	( <sup>57</sup> )
1970	1580	1810	2321	2756	63	439	21	15	( <sup>58</sup> )

H = Homens / M = Mulheres

(<sup>54</sup>) 1930 - I.N.E. - 7.º Recenseamento Geral da População. Lisboa, 1933 - pp. 160/161.

(<sup>55</sup>) 1940 - I.N.E. - 8.º Recenseamento Geral da População. Lisboa, 1940, XV Volume - pp. 26/27.

(<sup>56</sup>) 1950 - I.N.E. - 9.º Recenseamento Geral da População. Lisboa, 1950, Tomo I - pp. 198/199.

(<sup>57</sup>) 1960 - I.N.E. - 10.º Recenseamento Geral da População. Lisboa, 1960, Tomo II - pp. 152/153.

(<sup>58</sup>) 1970 - I.N.E. - 11.º Recenseamento Geral da População. Estimativa a 20%. Lisboa, 1973, I Volume - pp. 72/73.

## ANEXO C

### FAMÍLIAS / HABITAÇÃO

ANOS	N.º DE FAMÍLIAS	N.º DE EDIFÍCIOS	
1930	1130	1477	( <sup>54</sup> )
1940	1565	1864	( <sup>55</sup> )
1950	1792	1907	( <sup>56</sup> )
1960	2285	2015	( <sup>57</sup> )
1970	2614	2309	( <sup>58</sup> )
1981	3890	2740	( <sup>59</sup> )

A partir dos anos 60 está bem patente a crise de habitação, não tanto pela quebra do ritmo de construção, mas essencialmente pelo fluxo constante de gentes que chegavam ao Entroncamento. Desta forma a construção não avança a ritmo que consiga albergar todos os migrantes.

(<sup>54</sup>) 1930 - I.N.E. - 7.º Recenseamento Geral da População. Lisboa, 1933 - pp. 160/161.

(<sup>55</sup>) 1940 - I.N.E. - 8.º Recenseamento Geral da População. Lisboa, 1940, XV Volume - pp. 26/27.

(<sup>56</sup>) 1950 - I.N.E. - 9.º Recenseamento Geral da População. Lisboa, 1950, Tomo I - pp. 198/199.

(<sup>57</sup>) 1960 - I.N.E. - 10.º Recenseamento Geral da População. Lisboa, 1960, Tomo II - pp. 152/153.

(<sup>58</sup>) 1970 - I.N.E. - 11.º Recenseamento Geral da População. Estimativa a 20%. Lisboa, 1973, I Volume - pp. 72/73.

(<sup>59</sup>) 1981 - I.N.E. - 12.º Recenseamento Geral da População. Distrito de Santarém, Lisboa, 1981 - pp. 3.

## FONTES ORAIS

Sr.<sup>a</sup> D. Júlia Pimenta

Sr. Luís Augusto Esparteiro

## BIBLIOGRAFIA GERAL

- BENEDICT, Ruth — «PADRÕES DE CULTURA», Ed. LIVROS DO BRASIL, Lisboa.  
LEVI-STAUSS, Claud — «MITO E SIGNIFICADO», Ed. 70, Lisboa, 1981.  
TITIEV, Mischa — «INTRODUCTION TO CULTURAL ANTHROPOLOGY», Holt  
Riehart and Winston, inc., New York, 1963  
GURVITCH, Georges — «A VOCAÇÃO ACTUAL DA SOCIOLOGIA», Edições Cos-  
mos, Lisboa, 1968.  
POUILLON, François — «L'ANTHROPOLOGIE ÉCONOMIQUE», Librairie François  
Maspero, Paris, 1976.  
ALLEAU, René — «A CIÊNCIA DOS SÍMBOLOS», Edições 70, Lisboa, 1982.  
CUTILEIRO, José — «RICOS E POBRES NO ALENTEJO», Livraria Sá da Costa, Lisboa.  
BERNARDI, Bernardo — «INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS ETNO-ANTROPOLÓGI-  
COS», Edições 70, Lisboa.  
LIMA, Mesquitela — «A ANTROPOLOGIA DO SIMBÓLICO OU O SIMBÓLICO DA  
ANTROPOLOGIA», Editorial Presença, Lisboa, 1983.  
NAZARETH, Manuel — «O ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO PORTUGUESA»,  
Editorial Presença, Lisboa, 1979.  
MEAD, Margaret — «CONFLITO DE GERAÇÕES»  
OLIVEIRA, Ernesto Veiga de — «FESTIVIDADES CÍCLICAS EM PORTUGAL», Publi-  
cações D. Quixote, Lisboa, 1984.  
RANDLES, W. G. L.; NATHAN, Wachtel e outros — «POUR UNE HISTOIRE ANTHRO-  
POLOGIQUE», Annales, Paris.  
DIAS, Jorge — «RIO D'ONOR».  
DURKHEIM, Emile — «AS REGRAS DO MÉTODO SOCIOLÓGICO», Editorial Pre-  
sença, Lisboa, 1980.  
DERRUAU, Max — «GEOGRAFIA HUMANA I», Editorial Presença, Biblioteca de Tex-  
tos Universitários, Lisboa, 1977.  
MONOD, Jacques — «O ACASO E A NECESSIDADE», Ed. Europa-América, 1970.  
WEBER, Max — «O POLÍTICO E O CIENTISTA», Editorial Presença, Lisboa, 1979.  
PRITCHARD, E. E. Evans — «ANTROPOLOGIA SOCIAL», Edições 70, Lisboa, 1978.



## ÍNDICE

	<i>Pág.</i>
Prefácio à Segunda Edição .....	7
Nota Prévia .....	9
Introdução .....	13
<b>O Caminho de Ferro como factor de Progresso e Urbanização</b>	
<b>I Parte - Antropologia das Instituições (resenha histórica) .....</b>	<b>22</b>
* A Génese do Entroncamento	
* Etapas de desenvolvimento a destacar	
* Ligação com outros pontos - linha do Leste: Lisboa / Madrid	
* Conclusão da I Parte	
<b>II Parte - Uma visão sintetizada do Entroncamento actual .....</b>	<b>79</b>
1. EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DO CONCELHO .....	81
2. A POPULAÇÃO EM IDADE PRÉ-ESCOLAR E ESCOLAR .....	84
3. O PAPEL DA EDUCAÇÃO .....	86
* O conflito de Gerações	
* Dialéctica Profunda do Quotidiano: Nova Mentalidade e Nova Forma de Vida	
* Lisboa — Chamamento para o Progresso	
4. UMA TERRA EM FRANCO PROGRESSO — OS ANOS 80.....	87
5. SURTO MIGRATÓRIO E FIXAÇÃO DA POPULAÇÃO.....	94
* Entroncamento como Pólo de Atracção Industrial	
* Origem da População Activa	
6. TRABALHO E ADAPTAÇÃO .....	95
7. O PAPEL DA MULHER.....	96
8. PÓLOS DE FIXAÇÃO LOCAIS COM CARACTERÍSTICAS.....	98
E CULTURAS PRÓPRIAS	
Conclusão .....	101
Fontes Orais .....	103
Anexos .....	110
Bibliografia Geral .....	111